

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

CAMILE VILLANOVA

**PENSAR A PRÓPRIA VOZ:**  
**Uma busca pela identidade vocal que flui o meu ser mulher negra,  
mãe e artista**

São Leopoldo  
2021

CAMILE VILLANOVA

**PENSAR A PRÓPRIA VOZ:  
Uma busca pela identidade vocal que flui o meu ser mulher negra,  
mãe e artista**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência obrigatória, ao Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para obtenção do título de Bacharela em Teatro, com habilitação em Interpretação Teatral.

Prof. Orientadora: Celina Alcântara

São Leopoldo

2021

## CAMILE VILLANOVA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora do Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como exigência obrigatória para obtenção do título de Bacharela em Teatro, com habilitação em Interpretação Teatral.

Aprovada em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

## BANCA EXAMINADORA

---

Orientadora Professora Dra. Celina Alcântara

---

Professor Dr. Thiago Pirajira

---

Professora Dra. Silvia Patricia Fagundes

### CIP - Catalogação na Publicação

Villanova, Camile  
PENSAR A PRÓPRIA VOZ: Uma busca pela identidade  
vocal que flui o meu ser mulher negra, mãe e artista /  
Camile Villanova. -- 2021.  
67 f.  
Orientador: Celina Alcântara.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Artes, Curso de Teatro: Interpretação Teatral,  
Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Identidade. 2. Voz. 3. Corpo. 4. Negritude. 5.  
Ancestralidade. I. Alcântara, Celina, orient. II.  
Título.

## **DEDICATÓRIA**

A minha mãe Rosângela, por fazer todo o possível para que eu pudesse ter uma educação de qualidade.

A meu marido, Tailôr, e nossa filha, Serena, por me compreenderem e me apoiarem integralmente.

A minha orientadora Celina, por ser muito mais do que uma professora na minha vida, mas também uma amiga.

A todas as pessoas que me fortaleceram com palavras, gestos e ações em minha jornada.

A minha vó Sueli, por sempre me ensinar que o estudo é uma das coisas mais importantes da vida de alguém.

## RESUMO

Este trabalho busca pensar uma ideia de identidade vocal relacionada com as experiências de ser mulher negra, mãe e artista da própria autora. Para tecer esta análise além das percepções da autora sobre suas experiências vocais foram tomadas as noções conceituais de ancestralidade, pertencimento, negritude e corporalidade em diálogo com as discussões de autores tais como: bell hooks, Frantz Fanon, Lázaro Ramos e Celina Alcântara.

**Palavras - chave:** identidade, voz, corpo, história, negritude, ancestralidade, autoconhecimento, expressar-se.

## RÉSUMÉ

Ce travail cherche à réfléchir à une idée d'identité vocale liée aux propres expériences de l'auteur en tant que femme noire, mère et artiste. Pour tisser cette analyse, en plus des perceptions de l'auteur sur ses expériences vocales, des notions conceptuelles d'ascendance, d'appartenance, de négritude et de corporéité ont été mises en dialogue avec les discussions d'auteurs tels que : Bell Hooks, Frantz Fanon, Lázaro Ramos et Celina Alcântara.

**Mots-clés** : identité, voix, corps, histoire, négritude, ascendance, connaissance de soi, s'exprimer.

## SUMÁRIO

1.	Que chão é este que eu vou pisar ?	9
2.	Pertencimento como potencialidade para a voz	11
3.	Corporalidades no voz	18
4.	Falando sobre a prática: Relatório do processo de criação do espetáculo Universo em mim	26
5.	Fala e Ancestralidade	53
6.	Encontrei minha identidade vocal ?	55
7.	Referências	57
8.	Anexo 1 - Parecer sobre este trabalho emitido pelo professor artista Thiago Pirajira que fez parte da banca de arguição	59
9.	Anexo 2: Dramaturgia do Espetáculo Universo em mim	63



## QUE CHÃO É ESTE QUE EU VOU PISAR?

Para que possamos iniciar essa conversa vou me apresentar: sou Camile Villanova, mulher negra, mãe e artista. Minha jornada acadêmica foi recheada de muitos acontecimentos e a escrita desta monografia é mais um deles, ou melhor ainda, é a culminância disso que experimentei no decorrer deste período. Ao longo de 9 anos cursados no Departamento de Arte Dramática, entrei no curso no ano de 2012 e fui acometida por ao menos dois grandes e importantes acontecimentos na minha vida: o falecimento de minha avó Sueli, em 2016, e o nascimento da minha filha Serena, em 2019. Acontecimentos esses que são os principais, ainda que não os únicos, motivos para o tanto de tempo que precisei para concluir a graduação. Ao longo deste processo, passei por vários percalços sobre os quais vou falar ao longo do trabalho mas também fiz amigos, trabalhei junto a Coordenadoria das Ações Afirmativas (CAF), no ano de 2017, fiz uma mobilidade acadêmica junto a UFBA o que me levou para morar na cidade de Salvador, em 2018. Onde foi uma das experiências mais proveitosas de minha vivência, me sentia livre em uma cidade que me acolheu com tanto carinho e afeto. Aqui irei falar de mim também em primeira pessoa, acredito que para *pensarmos a própria voz* é necessário falarmos também sobre nós mesmos e sobre nossas histórias, corpos, processos de criação, dentre outros.

Pensar minha própria voz e com isso também a minha prática vocal como mulher negra, artista, atriz em formação e mãe é a gênese da discussão que pretendo travar neste texto. Parto também da hipótese de que a partir de determinadas práticas, relações, exercícios e experiências seria possível construir uma identidade vocal individual. Penso, desde a minha experiência como mulher negra, artista em formação, mãe, filha, amiga, aluna, colega etc; que a voz é um dos meios pelos quais o ser humano, num sentido geral, pode dispor para se comunicar, mas também para perceber o mundo a sua volta e se conhecer em sua profundidade. Observando minha filha balbuciar suas primeiras sílabas e tentar suas primeiras palavras, percebo a maravilha e complexidade que é o processo de

aquisição da linguagem e do desenvolvimento vocal e foi, também a partir dessa inspiração que resolvi me aprofundar mais neste vasto assunto. A voz tem possibilidades diversas no corpo humano, podendo variar de volume, timbre, intensidade, tessitura mas também de sons e principalmente fazer insurgir e acionar, na pessoa que produz e nas pessoas que ouvem, diversas sensações. Como por exemplo, a voz de meu bebezinho que me traz amor, carinho, toque, sensibilidade, doçura, etc.

Quando eu estava tendo os primeiros contatos com a cultura afro, os cantos foram o que me fez sentir conectada a minha herança e cultura imediatamente. Tendo contato com a história do povo negro escravizado aqui no Brasil, ou seja, meus antepassados, com suas culturas e a diversidade cultural de nossa herança, me senti amparada para ser e me sentir uma mulher negra mais confiante. Percebi que esta experiência despertou, em mim, sensações, percepções e ações que foram desde sentir um aumento do meu amor próprio, que resultou em um autocuidado que por sua vez se tornou visível tanto na escolha das minhas roupas quanto do modo como passei a me alimentar. Foi a partir desta experiência ocorrida comigo que passei a pensar nesta hipótese de uma voz própria, singular e, ao mesmo tempo, conectada com a ancestralidade negra que me constitui. Uma voz que provém das várias relações e experiências vindas de ser mulher negra como potência de mudanças, de cura, de autocuidado, de despertar de possibilidades.

Assim, o que estou propondo a princípio é que encontrar a própria voz é também conhecer e experimentar as potências de atriz mulher negra, através de uma busca pela minha identidade afro-brasileira na conexão com a nossa ancestralidade afro-brasileira de maneira positiva, afirmativa ligada as potências de vida que temos neste legado e não as de morte, violência e subalternização a que fomos historicamente atrelados por conta do racismo e das narrativas construídas a partir dele.

## **PERTENCIMENTO COMO POTENCIALIDADE PARA A VOZ**

A escrita do TCC me provocou bastante temor, a princípio, isto porque eu

acreditava que precisaria escrever desde uma relação exclusiva com uma teoria, e eu não sabia como fazer desta forma. Mas descobri que eu me sinto mais à vontade escrevendo a partir da minha prática artística. Falar a partir do fazer artístico na sua prática e sentir no meu corpo o som e a vibração da voz tornou tudo mais fácil, mais límpido aos meus olhos. Escolhi facilitar para mim, escrever referente a um diário, ao qual vou relatando o meu desenvolvimento dentro das práticas que proponho a mim, pensadas desde as minhas referências que, por sua vez, foram constituídas com base em muitas outras. E a partir disso tecer minhas conjecturas sobre *identidade vocal*. Friso que não tenho a ilusão de que estou falando sozinha ou inventando uma teoria, sei que muitas autoras e autores estão comigo na elaboração destas ideias. Mas a minha dificuldade é a de identificar, por vezes, onde li, vi ou ouvi tal coisa. Como pessoa negra sou muito subjetivada pelo cultivo oral, por coisas que ouvi e aprendi com os meus e minhas e que se confundem também com o que aprendi com mestres, mestras, autores e autoras.

Minha primeira questão foi como pensar *identidade vocal*, se me é tão difícil me identificar nos locais os quais frequento, por exemplo, a própria faculdade de Teatro. Lugar este onde sempre tive dificuldade de me integrar, seja com o corpo docente, com os colegas, alunos, com os conteúdos estudados e nas propostas de atividades. Como fazer essa identificação ainda com o enfoque da voz, se durante tanto tempo me senti silenciada, seja no ônibus, na rua, em restaurantes, amizades e em lugares públicos, como a própria faculdade. Segundo o dicionário Virtual Oxford, 2020, a palavra **identidade** engloba um conjunto de características que distinguem uma pessoa ou uma coisa e por meio das quais é possível individualizá-la.

Em uma viagem cotidiana de trem, estava lendo o livro “Na Minha Pele” de Lázaro Ramos e passei por uma frase onde o autor fala: “[...] isso passa pelo corpo, um corpo que se sente à vontade em qualquer ambiente e que sente pertencimento onde quer que esteja.”(2017, pág 126), essa frase me fez parar. Percebi naquele momento que poucas vezes na minha vivência eu senti pertencimento, esse sentimento ao qual é tão necessário ao nosso desenvolvimento humano. No livro o autor estava expondo suas preocupações de como criar os seus filhos e de como

peças brancas se sentem à vontade para dizer a peças negras o que podemos ou não fazer, o que queremos e deixamos de querer. Ele coloca a questão do pertencimento do corpo negro como algo essencial na criação de crianças negras saudáveis. O sentimento de pertencimento que poucas vezes o senti, mas tive a oportunidade de senti-lo em Salvador; lá sentia todos os dias, não todo tempo, mas em algum momento do dia ele estava lá me dando conforto, segurança, leveza e me fortalecendo. Quando voltei para o Rio Grande do Sul o estranhamento em relação a isso foi grande, eu era um corpo estranho no lugar onde nasci. Estava eu novamente me sentindo *individualizada*, não como um indivíduo importante a sociedade, mas como um indivíduo à beira dela, excluído. Naquele dia voltei para casa depois da leitura do trem e observei minha filha e a maneira como ela se identificava vendo os desenhos infantis, quando os mesmos tinham protagonistas meninas e como ela se sentia à vontade de experimentar reproduzir as falas dessas personagens. Me pergunto, se para expressar-se vocalmente não seria necessário sentir-se pertencente? Poderíamos pensar numa relação entre os modos como nos expressamos por intermédio da voz e nossas experiências de pertencimento seja a um grupo, família, comunidade, espaço, experiência, etc? A autora norte americana bell hooks afirma em sua obra *Erguer a voz* (2019,pág 39): “[...] erguer a voz, não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito - a voz liberta”. Fico pensando que o pertencimento está diretamente relacionado com a condição de sujeito. Quando nossos antepassados negros e negras vitimados pela diáspora forçada foram escravizados e sequestrados de seus lugares em África, ao mesmo tempo, perderam seus pertencimentos e foram colocados na condição de coisa, objeto passível de ser comercializado e transportado contra sua vontade. Esta é a gênese das nossas dificuldades e traumas corporificados também na voz.

Adentrando o contexto histórico, nossos antepassados escravizados foram silenciados de diversas formas, seja sendo sentenciados por falarem em sua língua mãe, ao demonstrarem sua cultura através da maneira de se expressar, de se vestir, de comer e de se relacionar. Como sentir pertencimento se nossa história como povo negro foi e segue sendo apagada e negada até os dias atuais?

A ordem dada em 1899 pelo Ministro das Finanças, Rui Barbosa, determinou a incineração de todos os documentos, registros estatísticos, demográficos e financeiros que se referiam à escravização e ao tráfico negro. Essa tentativa de apagar da história brasileira a vergonha do escravismo impossibilitou o acesso a informações precisas sobre o número exato de africanos aqui escravizados. Contudo, pode-se afirmar que o Brasil foi o mais proeminente dos países escravocratas: do início do regime da escravidão com o ciclo da cana-de-açúcar na metade do século XVI até 1850, data oficial do fim do tráfico negro. Estima-se pelo menos 3,6 milhões de africanos cativos, segundo Schwarcz (2001), sem contar aqueles que morriam durante a travessia do Atlântico devido a maus-tratos e péssimas condições sanitárias.

A exploração das riquezas do Brasil colônia era feita fundamentalmente pelo trabalho escravo, seja nas grandes plantações de cana-de-açúcar, seja nas lavouras cafeeiras, seja nas minas de ouro. Todo sistema econômico da época foi estruturado no escravismo. Na expressão de Luna e Klein (2010), a sociedade brasileira não era uma sociedade com escravos, mas sim uma sociedade escravista, uma vez que: “O estabelecimento da colônia portuguesa no Brasil após 1500 marcaria o início da economia escravista de plantation nas Américas, que tanto influenciaria os acontecimentos no hemisfério pelos quatro séculos seguintes”. (p. 22) Para justificar o dilema moral e ético posto pela subjugação de um ser humano pelo outro, concebia-se o negro não como pessoa, mas como um ser primitivo que mais se assemelhava ao animal. Tanto que as leis portuguesas estabeleciam a regulamentação sobre compra e venda de escravos no mesmo capítulo referente à venda de gado”. (SANTOS, 2014, pág 17).

Aqui Miriam Rosa dos Santos nos conta a realidade cruel vivida na escravização, coloco este trecho, pois mesmo sendo algo difícil de ler, para mim uma pessoa negra, acredito ser importante pontuarmos a história e não esquecermos em nossas discussões o quanto nos foi tirado. Vamos continuar a ler a

tese “Histórias de reencontro: ancestralidade, pertencimento e enraizamento na descoberta de ser negra”.

A Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Intolerâncias Correlatas, em Durban, na África do Sul, em setembro de 2001, definiu a escravidão e o tráfico de escravizados como crimes contra a Humanidade; não só pelo grau de crueldade, mas também pela magnitude, organização e negação da humanidade de suas vítimas.

Este passado nefasto se atualiza inegavelmente nas condições de vida da população negra até os dias de hoje. Passado que muitos parecem querer convenientemente esquecer.

Apesar de largamente conhecida como uma das mais cruéis formas de dominação e desumanização, é possível ouvir ainda hoje argumentações que parecem querer minimizar o hediondo projeto que foi a escravidão. Estas se apoiam na precaríssima justificativa do escravismo pré-existente na África para embasar a naturalização da condição do negro como escravo. Dessa forma negro e escravo foram feitos sinônimos, como se o negro já estivesse adaptado ou mesmo preparado para escravização. No imaginário coletivo é feita a manutenção da figura do negro como obrigatória e naturalmente associada à figura do escravo, como se a identidade negra tivesse o único traço identificatório possível na escravidão.

Tais pensamentos assombram pela ignorância e cinismo.” (SANTOS, 2014, pág 20).

Uma tentativa desumana de nos colocar uns contra os outros enquanto povo negro foi esta de nos culpabilizar por nosso próprio sofrimento, oriundo da escravização. A autora continua e nos explica que na África os prisioneiros eram de guerra e que passavam a servir como empregados domésticos, mas se tivessem filhos, seus filhos seriam livres; completamente diferente da história do nosso país, que podemos ler nos trechos acima. Assim como essa atitude de transferência de culpa por parte de pessoas brancas, encontramos outras milhares de atitudes, que são heranças do período colonial escravagista. Por exemplo, a de pessoas brancas,

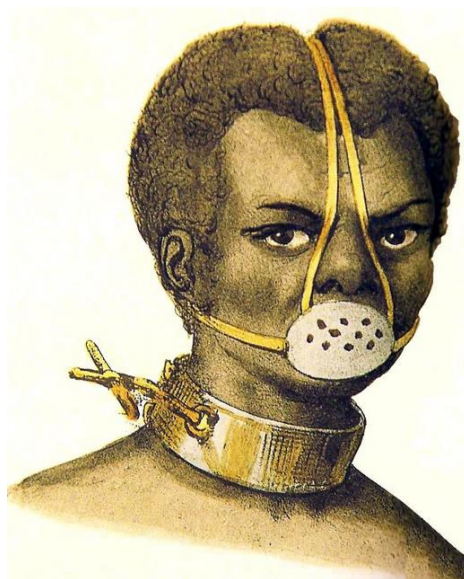
mesmo não nos conhecendo e não tendo nenhum tipo de intimidade, se colocarem em um lugar de superioridade, se sentindo no direito de nos dizer o que temos que fazer, ou não fazer. Trago mais uma passagem do livro “ Na minha pele “ de Lázaro Ramos, na qual o autor nos conta um caso que aconteceu com ele. ao final da sua apresentação, da peça “ O Topo da Montanha”:

Uma mulher branca na faixa de 40 anos se levantou e começou a dizer que “Nós deveríamos fazer isso”, que “Precisávamos daquilo outro” e, por fim, determinou: “Lázaro você vai...”

Em nenhum momento ela se colocou como parte do processo, e mais, ela falava com tanta autoridade sobre o *meu* querer e o *meu* dever que parecia minha dona. Bem, aquilo é um problema meu. Ela é que não fazia parte daquele processo. E a solução, que ela parecia saber qual era, estava ligada ao meu jeito de ser e de agir. Silenciosamente comecei a me lembrar das várias vezes que um branco, sem nem notar, se portou como dono do meu querer. Sem nenhuma cerimônia, muitas vezes, brancos se comportaram como superiores, se atribuindo uma autoridade que nunca foi dada por mim... Mas eles se “sabiam” no direito. O que me faz pensar como a cor da pele é, sim, uma espécie de patrimônio, que te faz conquistar inclusive postos e vozes de comando - não importa se um branco dá a você um conselho amistoso ou uma ordem, é ele que está no controle”. (RAMOS, 2017, pág 125 e 126).

Essa necessidade e possibilidade de colocar o outro em um lugar de subserviência é uma herança direta do período escravocrata, aos quais todos os dias nós negros temos que lidar das mais diferentes maneiras, para que possamos continuar nossos afazeres cotidianos, ou seja, continuar vivendo nossa própria vida. Grada Kilomba nos trás a a metáfora da mordça, nos fazendo perceber por analogia a ideia da mordça invisível, baseada em um método de tortura colonial, ou seja, não podemos vê-la e talvez até mesmo tocá-la, mas ela está presente em nossas bocas.

Há uma máscara da qual eu ouvi falar muitas vezes durante a minha infância. A máscara que Anastácia era obrigada a usar. Os vários relatos e descrições minuciosas parecia me advertir que aqueles não eram meramente fatos do passado, mas memórias vivas enterradas em nossa psique, prontas para serem encontradas. Hoje quero recontá-las. Quero falar sobre a máscara do silenciamento. Tal máscara foi uma peça muito concreta, um instrumento real que se tornou parte do projeto colonial europeu por mais de 300 anos. Ela era composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do sujeito negro, instalado entre a língua e o maxilar é fixado por detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e a outra em torno do nariz e da testa. Oficialmente, a máscara era usada pelos senhores brancos para evitar que africanas/os escravizados/os começassem cana-de-açúcar ou cacau enquanto trabalhavam nas plantações. mas sua principal função era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar de silenciamento e de tortura. Neste sentido, a máscara representa o colonialismo como um todo. Ela simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento da/os chamadas/os “Outras/os”: Quem pode falar? O que acontece quando falamos? E sobre o que podemos falar? (KILOMBA, 2019,p.33)



Retrato da escravizada, Anastácia.



Penso no relato de Lázaro, onde ele nos conta, “**Silenciosamente** comecei a me lembrar das várias vezes que um branco, sem nem notar, se portou como dono do meu querer”(2017, 125). Destaco aqui a palavra “silenciosamente”, porque sempre nos é atribuído o silêncio, podendo ser de maneira servil ou punitiva a nossas ações; penso que mesmo para Lázaro, um ator conhecido, renomado e com uma carreira estável, não lhe foi possível fugir da mordada invisível, porque a mordada está atribuída a cultura, a cor da pele e a suas origens. Mas o que tem haver a mordada com o sentimento de pertencimento? Segundo Grada Kilomba:

Alguém pode falar (somente) quando sua voz é ouvida. Nessa dialética, aquelas/os que são ouvidas/os são também aquelas/os que “pertencem”. E aquelas/os que não são ouvidas/os se tornam aquelas/os que “não pertencem”. A máscara recria esse projeto de silenciamento e controla a possibilidade de que colonizadas/os possam um dia ser ouvidas/os e, conseqüentemente, possam pertencer “(KILOMBA, 2019, pág 43).

Como mulher negra, mãe e artista, sinto e vivo no meu cotidiano e no corpo a carga de anos de repressão pesando sobre meus ombros. É a história cruel do nosso país, que foi calcado em um sequestro seguido de tortura, desumanização, etc. Para mim, ter a oportunidade de dissertar sobre a *minha própria busca pela identidade vocal* é algo vitorioso, não apenas como uma vitória pessoal, mas também uma vitória para todas e todos que não puderam tirar a máscara, sendo ela invisível, ou não. Não digo que neste trabalho irei falar por todes, pois não é minha intenção, mas tenho consciência de que para que a máscara seja extinta é necessário proporcionar um lugar de escuta, começando pelo individual, para que em um futuro próximo esse espaço de escuta proporcione um sentimento de pertencimento difícil de ser abalado. E para que esse lugar de escuta exista é necessário primeiro que falemos, que continuemos a falar, expor, até que nos libertemos da máscara.

## CORPORALIDADES NA VOZ

“A corporalidade na voz é o ato de andar de mãos dadas com a sua própria história”.

Camile Villanova

Uma das muitas coisas que aprendi durante a graduação, - dito e praticado por dentre outres, por esta que hoje é minha orientadora -, é que a voz e o corpo são um e a mesma coisa. Muito se pensa que a voz é algo que deve ser trabalhado de forma separada do corpo. Cansei de ver colegas artistas duros em pé, se exaurirem de exercícios vocais, sem conseguirem chegar aos resultados desejados e eu não era diferente deles. Nas primeiras aulas de voz que tive no Departamento de Arte Dramática, o primeiro conselho da professora de voz, daquele ano, foi: “Não fique parada, se movimente”. Cinco palavras que formam um conselho sábio a quem entra no mundo vocal, pude sentir que o som da minha voz preenchia cada espaço do meu corpo e não apenas o espaço, já conhecido, da garganta, peito e costelas, conforme eu relaxava com os movimentos propostos.

Sim, voz é corpo; e ainda assim são dimensões capazes de terem espessuras distintas, mesmo integradas ou uma contendo a outra. O corpo contém a voz e a voz contém o corpo. Assim, é possível perscrutar paralelos nas dinâmicas de funcionamento atuante em ambos que ampliam a maneira de abordá-los. Isso é mais que relacioná-los, não se trata de abordar uma das partes para explorar ou sensibilizar a outra simplesmente, mas passar a ter como objeto de estudo a unidade interagente corpo-voz como um sistema de funcionamento com princípios e dinâmicas que os regem mutuamente. (MONTENEGRO, 2018, pág 23).

Segundo lemos no trecho acima, não podemos acessar um sem acessar o outro, sem vê-los como uma unidade com capacidades e características distintas. Falo isso pois é importante que nesta conversa possamos compartilhar os mesmo

conhecimentos para traçar um pensamento em conjunto, por isso também venho aqui explicar o conceito de corporalidade que estou usando:

É por meio do corpo que extraímos as mais diversas sensações e movimentos, que estabelecemos nossa relação com o mundo. Esse complexo movimento denominamos corporalidade. Trata-se de compreender o corpo intrinsecamente relacionado ao fenômeno humano, a sua existência, sua história e cultura. Deste modo, percebemos que o ser humano não só tem um corpo como ele é o próprio corpo, que pensa o mundo, o outro e a si próprio. (LIMA, 2013, pag 2).

Sabemos que o corpo-voz pode se constituir de diversas formas, mas penso que este corpo também está determinado pela sua forma física, conseqüentemente etnico racial e de gênero e que, por sua vez, também está subjetivado por um determinado pertencimento social, todas estas questões ao mesmo tempo constroem as vozes e as modificam, transformam. Por isso entendo que nossa voz é constituída pelas várias manifestações das nossas corporalidades entendendo que a própria existência humana se dá a partir das relações sociais, com o tempo, espaço, modos de se cultivar nos quais estamos imersos.

Desejando se encaixar nas noções machistas mais convencionais sobre o papel adequado da mulher na vida, Rosa Bell, minha mãe, não foi uma mulher de fala corajosa. Ela se esforçava em ser vista, não ouvida, e quando falava era para dizer as palavras certas. Quando ficou nítido que eu, sua terceira filha, queria me tornar uma mulher de fala corajosa, mamãe fez tudo que pode para me silenciar, quando eu erguia a voz, era punida.

Como as mulheres do Sul dos Estados Unidos naquele tempo, mamãe acreditava no culto à privacidade, especialmente em relação a família e a vida doméstica. O que estava acontecendo nas famílias não importava, sempre nos diziam que quebrar o código do silêncio e falar aberta e honestamente era o equivalente a traição. Falar corajosamente sobre a vida de alguém e usar fazer daquela fala uma

crítica, aos olhos de mamãe e aos olhos da cultura da verdadeira feminilidade de classe média, uma traição. Obviamente essa era uma das primeiras formas de jovens mulheres, como eu, desafiarem o pensamento patriarcal (hooks, 2019, pág 20).

Ou seja, como nos lembra bell hooks em seu livro “ Erguer a voz”(2019) a cultura, no sentido de modos de se cultivar, pode fazer um sujeito se portar de determinada forma e isso é um fator determinante para o modo como esse indivíduo se expressa. Mas a cultura é originária de fatores históricos anteriores, como pudemos ver no capítulo “Pertencimento como potencialidade para a voz”, neste texto que vos escrevo; neste breve relato acima, da vida de bell hooks, podemos perceber alguns vestígios deixados pela escravização, nas ações das pessoas em volta da autora. A cultura do *silêncio* foi instaurada através de praticas de tortura no periodo escravagista, infelizmente, é comum ver pessoas mais velhas fortalecerem, muitas vezes inconscientemente, as atitudes que fazem calar.

Meus bisavós, avós e pais eram todos dessa escola. Se você fosse uma criança, fazer-se ouvir era um convite à punição, à palmatória, ao tapa na cara que te pegaria desavisado, ou a sensação de varetas queimando seus braços e pernas. (hooks. 2019, pág 31)

Evidencio aqui, mais uma vez, a idéia de corporalidade, pois um corpo não pode ser visto como neutro, ele tem tonalidade, cheiro, aparência, altura, peso, etc e subjetividades, todos esses atributos não podem ser excluídos de um trabalho vocal tão minucioso como *a busca por uma identidade vocal*. Se falarmos sobre a autora bell hooks no sentido de identidade vocal, ela nos traz bases fortes de sua vivência como mulher negra norte americana. Neste sentido, é impossível separar a sua vida da obra “Erguer a voz”, afinal a voz está presente não apenas no ato de falar, mas o de se expressar como um todo.

Escrever sobre o próprio corpo e explorar os significados do corpo pode, obviamente, ser visto como ato de narcisismo ou essencialismo, escreve Felly Nkweto Simmonds(1997).Ela conclui,

contudo, que essa é uma estratégia importante usada por mulheres africanas e afrodiaspóricas para desconstruir sua posição dentro da academia. Os episódios anteriores examinam não apenas a relação problemática entre academia e a negritude, mas também a relação entre nós e a teoria social que proporcionam nossas experiências incorporadas. (KILOMBA, 2019, pág 63)

Para mim seria impossível escrever um trabalho tão importante, como uma monografia, sem falar da minha vivência. Muitas vezes me vi no lugar do *silêncio* durante a graduação, o de apenas reproduzir os conteúdos estudados e não, de fato, acessar a minha própria *identidade*, colocando o meu ponto de vista e os meus gostos pessoais. Compreendi na prática, que um corpo não pode ser neutro. Sempre haverá uma leitura externa feita sobre nós pessoas negras:



Foto do Espetáculo "A mulher arrastada" - Foto: Regina Peduzzi

Recordo que, nos trabalhos propostos nas disciplinas de atuação que tinham por base textos tradicionais da dramaturgia euro-americana de autores como Molière, Shakespeare, Lorca, Ibsen, O'Neill etc. me eram atribuídos os personagens subalternos, tais como: amas, empregadas, escravas ou prostitutas. Ora, numa estrutura teatral que ainda primava por uma ideia de verossimilhança para a escolha de quem faria tais personagens, parecia a todos e, a mim também, que eu não poderia fazer personagens que deveriam

em função de uma dada coerência narrativa serem brancas. (ALCÂNTARA, 2018, pág 285).

Essa leitura externa racista, nos força a entrarmos em estereótipos pré estabelecidos socialmente, estereótipos estes que limitam as nossas corporalidades e conseqüentemente nossa maneira de se expressar vocalmente, ou não. Como já disse, *vivi na prática, que um corpo não pode ser neutro*; todes que se dedicam a arte de atuar e que não se encaixam no padrão branco-hétero-cis, já se viram em uma situação constrangedora ao qual lhe era imposto um papel esteriotipado.

Você, caro leitor, se assiste a novelas, reconhecerá imediatamente todos os 8 tipos que ela (Lara Vascounto) identificou.

- 1) A mãe preta que faz tudo pelos patrões;
- 2) A empregada doméstica espevitado, servil, bisbilhoteira, sedutora, cômica ou submissa;
- 3) O fiel amigo do jagunço (que é, na verdade, a versão masculina da empregada doméstica);
- 4) O escravo (Um clássico, não é mesmo falarei mais sobre isso depois);
- 5) A negra fogosa e sensual;
- 6) O malandro;
- 7) O negro “perfeito”, termine inventado por Joel Zito Araújo para designar o livro que se afasta de sua origem e se torna, assim, mais aceitável aos olhos dos brancos;
- 8) O negro “escada”. Explica: ele só está lá para mostrar como o personagem branco é bom, ou mau, ou mais importante que ele.

Veja bem: para mim, tive personagens tão diversos, ficar falando sobre esse assunto pode parecer incoerente. Tenho na minha lista de personagens vários arquétipos que são um privilégio (e não estão na lista acima). Mas, volto a dizer, essa é uma experiência de exceção que muitas vezes só confirma a regra. Paro para pensar rapidamente com quantos atores negros compartilho esses

privilégios e calculo que, no máximo, não passem de meia dúzia (RAMOS, 2017, pág 84)

Como atriz, observo que as novelas, filmes e publicidades em geral reforçam esses estereótipos, que por si só são limitantes, degradantes e humilhantes. O problema não é realizar papéis subservientes como o de empregada doméstica, desde que seja possível encontrar personagens complexos, interessantes, humanizados sendo trabalhadores domésticos ou não. Mas o ponto dessa discussão sobre estereótipos é que nos é imposto fazer apenas tais papéis. Isso é tão agressivo com as nossas individualidades e intelectos, pois limita não apenas a nossa gama artística profissional, como também a nossa auto imagem.

Queira ou não queira, o negro deve vestir a libré que o branco lhe impôs. Observe em que, nos periódicos ilustrados para crianças, todos os negros têm na boca o “sim sinhô” ritual. No cinema, a história é mais extraordinária ainda. A maior parte dos filmes americanos dublados na França reproduzem negros do tipo:” y’ a bon banania”. Em um desses filmes recentes, “Requins d’acier”, via-se um preto embarcado em um submarino, falando o jargão mais clássico possível. Além do mais, ele era bem preto, andava sempre atrás dos demais, tremendo ao menor movimento de cólera do contra-mestre e sendo, enfim, morto na aventura. [...] É que o preto deve sempre ser apresentado de certa maneira, e, desde o filme “Sans pitié” - “eu bom operário, nunca mentir, nunca roubar”, até a criada do “Duel au soleil”, encontramos o mesmo estereótipo.

Sim, do negro exige-se que seja um bom preto; isso posto, o resto vem naturalmente. Levá-lo a falar “petit-nègre” é pressioná-lo a uma imagem, embê-lo, vítima eterna de uma essência, de um aparecer pelo qual ele não é responsável. E naturalmente, do mesmo modo que um judeu que gasta muito dinheiro sem contá-lo é suspeito, o negro que cita Montesquieu deve ser vigiado. Que nos compreendam: vigiado, na medida em que com ele começa algo. Claro, não penso que o estudante negro seja suspeito diante de seus colegas ou de seus professores. Mas fora do meio universitário,

subsiste um exército de imbecis: o importante não é educá-los, mas levar o negro a não ser mais escravo de seus arquétipos.(FANON, 2008, pág 47).

Aqui Frantz Fanon expõe um episódio, do seu cotidiano, e de como esses estereótipos podem atuar sobre nós. Ele também fala que uma pessoa negra que tem um certo conhecimento adquirido acaba por ser vigiado, no sentido social, pois não adere aos estereótipos propostos e é visto como alguém não confiável. Podemos entender isso quando ele usa a palavra *suspeito*, que nada mais é do que alguém cuja existência, exatidão ou legitimidade não se tem certeza. Isso acontece pois no momento em que não aceitamos o estereótipo imposto, não é possível prever ou controlar nossas vontades e atitudes. Segundo Frantz Fanon(2008), o estudante universitário não seria visto como suspeito diante de seus colegas e professores, mas sim fora do meio universitário, o que eu discordo. O meio universitário brasileiro é composto majoritariamente por pessoas vindas de famílias que sempre tiveram esse acesso, acesso mais facilitado à uma formação no ensino superior, do que pessoas advindas de famílias pobres e negras. O meio universitário é violento com os cotistas em geral, pois é um lugar de racismo estrutural e institucional, que sempre tentando nos expulsar de diversas formas. Mas nos é de direito ter acesso às universidades públicas e que as mesmas devam modificar suas bases para de fato, acolher e serem responsáveis pela permanência de nós, alunos e alunas negros e negras..

Do ponto de vista do trabalho teatral, essas transformações parecem ocorrer numa temporalidade outra, talvez mais urgente. Isso porque esse trabalho é basicamente calcado no jogo, na troca, nas relações diretas, nas construções coletivas. Nesse sentido, é fundamental estarmos disponíveis, abertos aos nossos outros da cena, especialmente aquele com quem precisamos nos relacionar diretamente (contracenar) para a construção da cena. O verbo “precisar”, nesse caso, não é um superlativo para valorizar a prática teatral, é antes uma das primeiras coisas que aprendemos quando iniciamos a fazer teatro e que diz respeito ao caráter coletivo dessa



arte. O exercício teatral é uma atividade coletiva porque envolve vários outros da cena – ator, diretor, público, aluno – como condição de possibilidade para o ato cênico o que significa dizer que não conseguimos prescindir desses outros.

Na minha prática como professora atuante nas disciplinas relacionadas à prática do trabalho do ator, em sala de aula, observo o quanto esses “novos corpos-vozes” movimentam o modo de operar com o trabalho corpóreo vocal do grupo como um todo, seja nos repertórios de movimentos, de sonoridades, de textos, de ideias, seja nos comportamentos – não no sentido disciplinar –, mas na postura do corpo, dos modos de se relacionar, nos modos de lidar com o espaço tempo, das diferentes tonicidades corporais, percepções, entendimentos, expectativas.

Naturalmente, não desconsidero o fato de que tudo isso pode e já ocorria mesmo antes do aumento da entrada dos alunos e alunas negras. Tampouco ignoro que estarmos imersos num social que também está implicado nessas relações e no modo como elas se dão. Não é, de forma alguma, a universidade – especialmente o curso de Teatro – um oásis, intocado, à prova dos demais discursos e lutas sociais. Ao contrário, o trabalho teatral também tem sido lugar de discussões e disputas relacionadas a racismo, lugar de fala, ausência de referências culturais, direitos sociais, intolerâncias e tudo mais que ronda e atravessa essas questões dentro e fora das universidades.

Há, entretanto, mudanças perceptíveis que acontecem na minúcia do dia a dia do trabalho em Teatro dentro da universidade. Alterações que vão desde as variações fenotípicas de alunos e alunas, o que resulta numa visualidade diferente em sala de aula, até o que é tematizado nas cenas. Transformações permeadas e intensificadas por pequenos e grandes embates, alguns consensos, vários dissensos, vivamente radicadas no presente e na presença. No estar ali diante do outro, enxergar o outro, considerar o outro como presença viva. E, em alguma medida, tornar-se permeável ao outro.(ALCÂNTARA, 2018, pág 287)

Vemos na fala de minha orientadora, Celina Alcântara, o quando os corpos-vozes com suas corporalidades, histórias e subjetividades, podem modificar espaços tão definidos e invariáveis como a universidade, apenas com a sua presença. Estarmos aqui é um ato por si só de fortalecimento e comprometimento com o futuro que queremos e desejamos para nós e para os nossos.

## **FALANDO SOBRE A PRÁTICA: RELATÓRIO DO PROCESSO DE CRIAÇÃO DO ESPETÁCULO UNIVERSO EM MIM**

Assim como o sentimento de pertencimento e o corpo são conceitos latentes para pensar a *identidade vocal*, é necessário também falarmos do nosso envolvimento enquanto artistas e da nossa própria arte. O Teatro é uma maneira de expressão do ser humano que engloba o corpo-voz e o sentimento de pertencimento permeia esse fazer artístico a todo o momento. Como passei pelo processo de criação do meu estágio em atuação ao mesmo tempo que traço essa conversa, eu os convido a adentrar essa história comigo.

O meu estágio, a princípio, iria iniciar no primeiro semestre de 2020. Meu desejo durante toda graduação foi o de, quando eu chegasse neste momento de finalização, o meu estágio fosse algo único para mim, algo que eu pudesse olhar e dizer “tem 100% de mim nesse espetáculo, nessa criação”. Busquei algumas dramaturgias para que eu pudesse montar, mas nenhuma de fato me identifiquei no grau que eu desejava. Foi então que pensei: vou escrever minha própria dramaturgia. Esse é o único jeito de ser exatamente o que eu sonhei. É habitual para mim escrever contos, diários e histórias fantasia, mas nunca tinha escrito uma dramaturgia. Decidi me matricular na cadeira de dramaturgia e filosofia para fazer aflorar minhas ideias, e pensei que eu poderia me arriscar a escrever alguma cena para poder apresentar a Silvana (a diretora) e a Alessandra (atriz, companheira de cena) para podermos ter um Norte.

Durante o mês de fevereiro me debrucei a escrever, me fiz algumas perguntas para me ajudar neste processo:

- Qual o tema que eu quero escrever?
- O quê não pode faltar?
- Com quem eu quero conversar?

Aos poucos fui respondendo essas três perguntas, como a pouco tempo eu tinha vivido a experiência da gravidez, era de minha vontade falar através da dramaturgia como tinha sido esse processo de gerar um ser humano. Mas não apenas contar como foi estar grávida, mas trazer subjetivamente a sensação do público transitar e fluir por um corpo em transformação. Eu queria que a dramaturgia fosse escrita de forma a dar a ideia de que cada cena é uma parte do corpo dessa mulher que agora era a dramaturgia, eu queria isso porque durante a gravidez eu sentia cada parte do meu corpo de uma maneira diferente, única e PLENA, e era meu desejo expor isso através da escrita.

A segunda pergunta foi mais fácil de responder no primeiro momento, eu pensei: “Quero falar da minha vó”. Durante a graduação a minha avó tinha tido câncer e mesmo tendo se recuperado da doença, ela acabou falecendo por conta da idade, ela criou a mim e ao meu irmão, desde que nascemos, ajudando a minha mãe em tudo que era necessário, pois morávamos todos juntos na mesma casa. Por conta do seu estado de saúde, eu tranquei a universidade durante um ano e meio, pois eu não conseguia me concentrar nas aulas, mais tarde após ela ter se recuperado da doença eu voltei a frequentar a universidade, mas pouco tempo depois durante as aulas do Ateliê, eu recebi uma ligação na qual a minha mãe contava que minha avó tinha falecido. Ela sempre me incentivou a estudar desde quando eu era muito pequena, porque como ela não pode frequentar a escola e era iletrada, ela sabia o valor e a importância dos estudos.

Comecei a escrever uma lembrança carinhosa que eu tinha com ela, o nosso momento de fazer pão juntas. Era um momento muito específico onde eu podia perguntar tudo que eu quisesse para minha vó e ela me respondia. No nosso dia a dia cotidiano era difícil isso acontecer, porque na mesma casa morava também os meus outros primos, então eram muitas crianças para se cuidar e era difícil ter atenção da avó exclusivamente. relatei a lembrança de forma livre, comecei a experimentar essa nova maneira de escrever e fiquei satisfeita com o resultado.

Durante a escrita eu tentava imaginar o que eu escrevia no palco, em cena e isso me ajudou muito a desenvolver a minha escrita dramatúrgica.

A segunda cena que para mim não poderia faltar, era uma cena exclusiva para que eu pudesse cantar. Nos últimos anos eu tinha parado de cantar, eu não cantava nem no chuveiro, nem em qualquer outro lugar e, para mim, isso era muito doído porque eu não me via enquanto pessoa sem o meu cantarolar, o meu cantar. O cantar sempre foi algo especial para mim e eu pensei que não haveria momento mais ideal para retomar do que o meu próprio Estágio de atuação. Escrevi a cena como um diário ao qual eu explicava como eu me sentia, o porquê que eu parei e qual era a minha vontade agora voltando a cantar, nessa escrita eu acabei falando naturalmente das galáxias, das estrelas e de como algumas estrelas podem virar super novas e devastar tudo e outras estrelas podem proporcionar vida e iluminar a diversos planetas. Esse foi o primeiro momento da minha escrita que apareceu esse elemento tão importante que é o *universo*. A pouco tempo eu tinha feito uma ação performática pelo Instagram que se chamava “Útero Universo”, que era relacionado ao universo ser um grande ÚTERO de criação, a ideia do universo com essa energia vívida de criação estava fresca em minha mente, foi quando tive resolvi juntar as experimentações. Escrever uma dramaturgia onde passasse a sensação de passearmos pelos órgãos do corpo de uma mulher negra, mas esses órgãos poderiam ser o coração, o estômago, as cordas vocais e poderiam ser também estrelas, galáxias, buracos negros, como se essa mulher, essa grande mulher fosse um universo inteiro e carregasse dentro do seu corpo todos os elementos do universo comum. Após essa decisão percebi que minha vontade era colocar essa ação performática do “Útero Universo” como parte integral e importante do meu estágio, eu não sabia o que eu queria com isso e como a cena deveria ser, mas eu queria dançar nesta cena.

Ao longo dos dias de fevereiro escrevi novas cenas no meu breve rascunho, acrescentei a cena “Beijo na face” que era baseada no conto do livro Olhos d'Água de Conceição Evaristo, acrescentei uma cena que eu titulei “Abandono”, ao qual uma criança esperava pelo pai que nunca ia chegar, também foi escrita a cena “A espera”, onde uma mãe espera angustiada com sua filha o seu filho chegar em casa, já tarde da noite e por sorte ele chega em segurança.

Nos últimos dias de fevereiro de 2020 fiz um grupo no WhatsApp com as convidadas a participar do meu estágio de atuação. Nós nos encontramos presencialmente em São Leopoldo, para que eu pudesse mostrar o meu rascunho de dramaturgia enquanto tomávamos um cafezinho. As duas mulheres gostaram muito do que eu escrevi e começamos a ter ideias e a criar em cima desse rascunho.

O processo de criação do estágio de atuação Universo em mim, com o elenco, iniciou no dia 03 de março de 2020, antes da Pandemia causada pelo vírus covid-19. Irei contar nesse primeiro momento como foi o início do processo :



Foto do elenco

🌟 Dia 03 de março de 2020.

Hoje foi o primeiro ensaio. Me atrasei porque a bebê acordou antes do horário cotidiano e não queria que eu saísse de casa. Desci do trem e vim caminhando super rápido, cheguei e as gurias estavam esperando na Sala 2.

Deitamos no chão enquanto Sil (a atriz, performer, diretora Silvana Rodrigues) lia *Um beijo na face* de Conceição Evaristo. Durante a leitura, várias imagens vieram à minha mente, a de um espelho e uma mulher se olhando e acariciando a ela mesma, se fortalecendo, se amando. Após a leitura sentamos uma de frente para outra (eu e a Alessandra Souza, a outra atriz do trabalho), ficamos nos observando. A diretora pediu para que eu contasse para a Ale, em 3 minutos, o porquê que eu escolhi esse conto. Senti um reboiço dentro de mim, nem eu mesma

sabia ao certo o porquê, mas eu tinha que dizer o porquê durante três minutos. A cadeira parece desconfortável e o teto da Sala 2 está caindo, as janelas também estão caindo e as que não estão, estão pregadas, é vergonhoso ensaiar em um local assim..

“Eu escolhi este conto porque eu gosto da maneira como a Conceição escreve, ela escreve de uma forma que nos vem várias imagens à mente e há muita poesia na forma como ela escreve. A personagem principal, mesmo eu não tendo passado pelo que ela está passando, me é muito próxima. Já vi mulheres da minha família, amigas, conhecidas passarem pela mesma situação de cárcere, até mesmo mulheres que não estavam mais em um relacionamento, ainda estarem sendo perseguidas e ameaçadas pelo ex; Para mim como leitora é lindo e inesperado ela se relacionar com uma mulher, uma igual. Li este conto quando eu estava descobrindo a minha sexualidade, não era o que eu esperava, eu me colocava em cárcere interno sem necessidade. Assim como a personagem, eu ansiava por me libertar e tomar um gole de liberdade, para ser quem eu sou”.

Foi mais ou menos isso que eu disse na hora...

O exercício seguiu e Alessandra tinha que reproduzir o que eu disse em 2 minutos e depois eu tinha que reproduzir o que ela disse em um minuto; e fomos revezando até chegarmos a 30 segundos, onde as palavras: água, sexualidade e liberdade sempre apareciam.

Ao final do ensaio a diretora pediu para que eu escrevesse tudo que eu gostaria que tivesse no dia da estreia.

O que eu gostaria que tivesse no dia da estreia?

Em primeiro lugar, estar confiante com meu trabalho, minha dedicação e desempenho, poder me sentir tranquila porque fiz o meu melhor.

Sobre a estética, cenário e figurino:

- Não tenho uma ideia construída de cenário, mas o que penso é : projeção.
- Mesa bacia e materiais para fazer pão em cena.
- Eu particularmente não gosto de utilizar muitas coisas para o cenário, sou partidária da ideia do palco vazio, livre para a imaginação.

- Um figurino versátil que pode ser desdobrado e reutilizado em algumas cenas. Gosto da utilização de um mesmo adereço ou roupa para construção de um personagem diferente utilizado de forma diferente também.

- Brilho.

- Para a cena do "Cantar/voz" e para a do "Útero", vem muito brilho na minha mente. O figurino da cena do cantar eu quero que seja deslumbrante, não em luxo, mas em como se adere bem ao corpo e conversa bem com a luz utilizada, quero ele brilhoso e transparente, suave e sexy sem ser vulgar.

- O do "Útero" gostaria de um figurino que se misturasse à projeção, algo que o público não percebesse no primeiro momento que estamos ali. Para essa cena sempre penso em mais pessoas dançando junto...

- Quero bastante uso de sons gravados ou feitos no momento, barulho de crianças, vozes de crianças, assobio, som de coração batendo, água...

- A luz gostaria que fosse criada com calma e dedicação e não as presas.

 Dia 09 de março de 2020.

Foi o primeiro ensaio à tardinha. Visualizamos os pés pernas braços mãos e cabeça para cada uma individualmente.

Cabeça: Realeza

Mãos: realidade e ação

Braços: necessidade e sonho

Ventre: amor próprio

Pernas: Amor e confiança

Pés: família e ancestralidade

Demonstramos no corpo da outra, cada parte com seu significado atribuído. Naturalmente acabamos dançando durante a realização do exercício. Com esse exercício começamos a ter uma ideia do corpo PALCO dessa mulher e o que pode haver dentro dela. No ensaio de hoje também utilizamos objetos que trouxemos, pensando na cena do abandono, um par de tênis vermelhos de bebê e uma bonequinha de pano pretinha. Explorei os objetos e a ludicidade me envolveu. Fiz uma criança pequena falando de si e de sua mãe, mas principalmente

demonstrando na brincadeira os significados que eu queria passar. Após a criação da pequena cena teríamos que encaixá-la na coreografia criada anteriormente. Através da experimentação, a cena pode continuar sólida, mas a coreografia se flexibilizou tomando um caráter lúdico para poder se aderir ao que era proposto. A bonequinha se tornou imprescindível ao envolvimento dos movimentos.

 Dia 10 de Março de 2020

Foi nosso segundo encontro, ainda presencial e fizemos uma experimentação com uma bonequinha que eu trouxe, eu fiz uma criança sentada embalando um bonequinho com um par de tênis vermelhos em sua frente.

A criança diz:

- A mamãe cuida de mim - mostrando o coração da boneca.
- Ela tem coração, a mamãe sempre diz que para caminhar melhor um bom sapato ajuda - brincando com os sapatos e fazendo a bonequinha caminhar a criança continua:
- O papai e a mamãe.
- A mamãe e o papai, a mamãe e a mamãe, a mamãe, a mamãe, a mamãe...

Com estranhamento a criança olha para um dos tênis, e observa os detalhes por um instante. Subitamente joga um dos tênis fora e voltando a brincadeira fala:

- A mamãe, a mamãe...

Ando me sentindo estranha, escrevi no meu diário de atriz, os encontros ensaios estão se abrindo, adentrando pelo meu ser. Hoje a cena da criança mexeu fundo comigo. Encontrei uma Camile criança que ainda dói, que ainda tem uma ferida em relação ao abandono do pai. É estranho. Pedi, hoje, após trabalharmos essa cena de abandono que parássemos, ficamos em uma conversa sobretudo em relação às nossas vivências, leituras e algumas banalidades. A pequena cena é forte e acessou em mim coisas que preciso de mais tempo para entender, talvez aceitar.

Não quero me sentir um corpo dolorido e machucado, mas sim fortalecido, eu quero ser quem eu sou ou o que eu quero ser. Mergulhar em si mesmo requer coragem e é difícil. Me atrasei nos últimos ensaios novamente. Consigo sentir gosto



de massa crua de pão na boca. Dá um aconchego. Amanhã trabalharemos a cena do pão e não quero me atrasar.

🌟 Dia 11 de março de 2020.

Fizemos uma experimentação para a cena do “pão”. Primeiro eu deveria falar de como eu aprendi a fazer pão e aos poucos vir trazendo as lembranças com a minha avó.



Foto da improvisação

“Ela me ensinou que primeiro era necessário misturar apenas os ingredientes secos, como o fermento, a farinha, o açúcar. Somente após esses ingredientes estarem bem misturados, que se acrescentava os ingredientes restantes, que ela chamava de “os molhados”, que por sua vez eram o azeite ou manteiga, a água ou leite e ovos”.

Comentei durante a cena, que depois de adulta, eu fazia “pão terapia” toda vez que sentia raiva e não conseguia lidar com ela, fazia pão pois era um momento que eu podia jogar toda a raiva para fora e o pão ia ficar bem fofinho e gostoso depois. Experimentei algumas perguntas as quais eu fazia para a minha avó, durante minha infância:

- Vó, o vovô era bonito?

- É verdade que tu sabe cozinhar carne de jacaré?
- Como a minha mãe e os meus tios eram quando crianças?

E terminei a cena com a mensagem que eu queria deixar para ela, que era:

“Eu te amo muito e obrigada por tudo. Eu sou muito feliz de ter te conhecido e ser parte da tua família”.

O ensaio do dia 11 de março de 2020 foi o nosso último ensaio presencial, após essa data a UFRGS fechou as portas por conta da pandemia do coronavírus. Ficamos um mês sem nos falarmos, até que no dia 8 de Abril de 2020 nos encontramos virtualmente pelo WhatsApp. Trocamos ideias do que gostaríamos de fazer na peça e conversamos sobre como estava sendo esse primeiro momento de reclusão. Combinamos de que seria melhor deixarmos o nosso projeto para o ano seguinte com esperança de fazermos presencialmente.

Durante esse um ano ao qual tínhamos parado os ensaios, eu anotava as ideias que tinha:

“Escrevi o que me veio à mente esta manhã, após minha filha ter acordado nessa quarentena. Tive a ideia de utilizar o figurino como ponto importante para a estruturação da cena do útero, a primeira imagem que me veio objetivamente a cabeça, foi a Loie Fuller, dançarina norte-americana, pioneira das técnicas da dança moderna, quanto da iluminação teatral, com longos panos dançando e a projeção sobre ela dando cor ao movimento. Me senti inspirada, em usar para a cena, um tecido longo em vermelho brilhoso e os movimentos significando menstruação dentro do útero a se formar.”

Durante esse um ano sem ensaios, continuamos a nos falar e focar no que poderíamos fortalecer. Conseguimos criar uma música juntas onde a Alessandra criou a letra e eu desenvolvi a melodia. Foquei em alguns figurinos do espetáculo e acabamentos de algumas cenas, o que foi bem proveitoso para nós mantermos e sentirmos que havia possibilidade de continuação do projeto. Mas no mês de maio de 2021, resolvemos dar um tempo por causa das demandas de cada uma e seriedade do tempo Pandêmico naquele momento. Neste momento, também combinei com a minha orientadora, com quem também vinha mantendo contato,

que faria o processo de Estágio e a escrita do TCC no primeiro semestre acadêmico de 2021 que aconteceria nos últimos seis de 2021.

A partir de julho de 2021 nos encontramos através do Google Meet e conversamos sobre a possibilidade de voltar a realizar a peça. Por uma questão objetiva da minha formatura, decidimos fazer a peça de forma virtual, já havia passado um ano desde que a pandemia tinha começado e nós três já estávamos mais acostumadas a esse novo cotidiano. Todas nós havíamos participado e/ou consumido arte, teatro e projetos artísticos de maneira virtual. Estávamos mais habituadas a pensar a nossa própria arte nos novos padrões possíveis, com as limitações causadas pelo covid-19, em relação ao começo da pandemia em 2020.



Print do encontro pelo Google Meet

Fomos bem objetivas e sistemáticas, marcamos o começo dos ensaios para o dia 2 de agosto de 2021 que se dariam através do Google meet. Eu fui bem sincera com a Silvana e a Alessandra ao explicar que a antiga dramaturgia não era mais o que eu desejava e que eu iria escrever uma nova dramaturgia que se adequasse a forma virtual, durante o processo. Marcamos o dia da nossa estreia para que pudéssemos gerir melhor o nosso tempo, decidimos marcar a estreia para

o dia 26 de novembro de 2021. Durante esse primeiro encontro, comentamos sobre as possibilidades de levantar dinheiro para arcar com os custos do estágio e decidimos fazer uma rifa, na qual iríamos sortear coisas que tivessem a ver com esse universo que estávamos criando. Marcamos uma data para o começo da divulgação da rifa e para o sorteio, discutimos como iriam se dar a escolha dos números e o pagamento nesse momento de isolamento social.



Imagem da cesta que foi rifada

A partir de agora o processo de escrita do roteiro dramaturgico se torna muito mais intenso, eu comecei a escrever pensando em uma peça inteira, um prólogo, cenas e epílogo, para mim era importante também que a dramaturgia tivesse Indicações para a câmera e a gravação.

🌟 Dia 02 de agosto de 2021


Tivemos o nosso primeiro encontro virtual, no qual conversamos sobre a dramaturgia, sobre a ideia que eu gostaria de passar com a peça e como ela seria, se ao vivo, gravada estilo curta-metragem ou um mix de várias linguagens. A Silvana Rodrigues (diretora) fez várias perguntas para mim sobre a estrutura daquilo que eu estava pensando para o meu estágio e qual estilo e/ou sentidos eu gostaria de passar, tais como : fantástico, fantasia, viajandão, contemporâneo, realista, etc.

Todas essas perguntas me fizeram refletir bastante sobre o que eu gostaria de fazer e dizer. A conversa toda foi para que nós três pudéssemos chegar no consenso do que vai ser trabalhado e a partir daí poder trilhar um caminho comum do processo criativo.

Um dia após o primeiro encontro, me dou conta que tenho muitas coisas para fazer, muitas coisas novas as quais eu tenho que me dedicar e que eu não ando tendo tanto tempo assim. Na verdade, ando me sentindo muito exausta por causa da pandemia e ter que pensar no processo criativo do meu estágio, dessa peça que não vai ser no formato convencional (que acontece dentro de um teatro ou sala de trabalho), mas sim no formato virtual, é um pouco exaustivo nesse primeiro momento. Mas acredito que ao longo do processo vai se tornar mais leve.

Senti que esse primeiro encontro foi realmente um primeiro momento, parecia que eu estava conhecendo as gurias de novo e me causou estranhamento esse contato dessa maneira virtual.

Mas no geral sobre o nosso primeiro encontro, foi muito positivo. Conseguimos chegar ao consenso do que vamos trabalhar e combinamos de que era mais interessante para o projeto, eu terminar a nova dramaturgia o quanto antes. Pensamos em várias referências que poderíamos trabalhar no futuro: como a música que eu escolhi para uma das personagens que criei no meu roteiro, a cantora Solaris, bem como algumas referências de como nós poderíamos trabalhar o som da voz se intercalando na cena “Apaixonades”, que eu faço em dupla com a Alessandra.

 Dia 16 de agosto de 2021

No final não tivemos ensaio na quinta-feira, mas resolvemos usar esse tempo, eu para escrever e as meninas para se organizarem dentro das coisas que elas tinham que fazer. Esse ensaio foi muito melhor do que o primeiro, conseguimos nos sintonizar e nos comunicar de maneira muito produtiva umas com as outras através do Google meet. Falamos bastante sobre a cena da personagem Solaris, o que poderíamos fazer para incrementá-la e também para que as gurias pudessem entender, conversamos também sobre como utilizar nossos talentos para que o espetáculo seja bom para todas nós, para todas as partes, porque mesmo

priorizando o fato do espetáculo ser o meu estágio de atuação, de forma nenhuma eu gostaria que a Silvana e a Alessandra se sentissem privadas criativamente por isso. A Sil falou bastante sobre o fato de ela sentir que esse universo ainda está muito dentro do meu mundinho, então nós estamos trabalhando, a partir de agora, para botar isso para fora e tornar ele cada vez mais convidativo ao público. No final do encontro a Sil nos deu tarefas para a próxima quinta-feira; eu e a Ale temos que gravar um áudio de nós lendo o texto, as três cenas que eu escrevi até agora, que são o prólogo, a cena “Cheiro de Pão” e a cena “Estrela Solaris”. Devemos colorir o texto da maneira como nós entendermos. Eu ganhei mais uma tarefa que é me gravar explicando a cena da personagem Solaris, explicando os detalhes e os pormenores.

Ontem o dia terminou maravilhoso com o resultado da ocupação do Teatro Municipal aqui de São Leopoldo, nós fomos selecionadas e conseguiremos gravar as cenas necessárias no teatro, estou muito feliz por isso!

Após o resultado da ocupação do Teatro Municipal de São Leopoldo, tínhamos um mês para podermos criar a cena “Estrela Solaris”, que foi a escolhida como a cena que precisava ser gravada no palco, com tudo que um teatro pode oferecer. Ensaivamos duas vezes por semana, na segunda e quinta feira, exclusivamente pelo Google Meet e nos era muito difícil e complexo ensaiar virtualmente para uma cena que seria gravada presencialmente. A nossa produção criativa alavancou em uma crescente, deveríamos criar uma cena do zero, fazer o figurino, cenário e principalmente pensar em quem iria gravar e editar o espetáculo, pois nenhuma de nós tínhamos os conhecimentos necessários para isso, afinal nos formamos em Teatro e não em Cinema. Mas devido às atuais circunstâncias se mostrava necessário ter determinados conhecimentos sobre a cena teatral de forma virtual.

Minha ideia inicial era que apenas mulheres negras participassem do processo de criação do *Universo em mim*, para que eu pudesse me sentir à vontade de me despir e mostrar o que acontece dentro do meu próprio universo particular, conversar com quem eu acreditava que poderia me entender melhor e me permitir estar mais segura no processo. Mas isso não foi possível da maneira como eu havia

idealizado. As mulheres negras que eu conhecia com conhecimentos cinematográficos, deveriam e mereciam receber justamente por seu trabalho realizado, um valor ao qual eu não poderia pagar. Nem eu, nem minhas colegas do trabalho aqui apresentado, tínhamos proximidade o suficiente com nenhuma dessas mulheres do cinema, para que pudéssemos fazer uma parceria. Triste realidade! Silvana comentou em um ensaio que quem gravou e editou o seu estágio de direção tinha sido o Julio Estevan, colega nosso do DAD, contou que foi uma boa experiência trabalhar com ele e que ele poderia fazer por um preço dentro do que tínhamos no momento com a venda das rifas. Falei com o colega no mesmo dia e acertamos os detalhes para que ele pudesse se juntar à nossa produção. Outra pessoa ao qual só ouvi elogios do seu trabalho, era a Mari Falcão, mãe da nossa amiga e ex-colega do Dad a Camila Falcão. Mari iniciou a trabalhar como figurinista para Teatro a partir da relação com o grupo Pretagô do qual também é integrante. Como a venda das rifas estava superando minhas expectativas, pensei : “ não irei dar conta de desenhar e costurar os figurinos, preciso de alguém confiável para pôr em prática os rascunhos do meu caderno”. Mari se mostrou um amor de pessoa e super entendeu minhas demandas de tempo e dinheiro, deu contribuições magníficas sobre os figurinos, me senti completamente segura por estar falando com alguém profissional e com experiência no ramo. Outra pessoa que se juntou a nós foi a Letícia Guimarães, atriz, maquiadora e integrante do grupo de teatro Espiralar Encruza. Há meses eu estava observando o trabalho dela enquanto maquiadora, só esperando a oportunidade para trabalhar com ela, quando recebi a notícia de que teríamos o Teatro Municipal, falei com ela no mesmo dia convidando-a para o trabalho e ela aceitou o convite.



Desenho do figurino da personagem Solaris

A música que nós havíamos criado para a cena “Estrela Solaris” atribuía a nós uma capacidade que não tínhamos no momento. Acarretaria-nos gravá-la com músicos ou apresentá-la com uma banda no dia da gravação da cena. Priorizamos o pouco tempo que tínhamos e combinamos que eu deveria escolher uma música de meu agrado para esta cena, onde pudéssemos conseguir o instrumental da mesma, com facilidade. Debrucei-me a escolher a música que a personagem Solaris iria cantar e a ensaiar-lá, sabia das minhas dificuldades em relação à retomada do cantar e sabia que não iria ser algo fácil.

🌟 Durante o mês de Agosto de 2021

Após várias tentativas no chuveiro eu consegui me sentir cada dia mais liberta com a minha voz onde eu me senti à vontade, mas ainda com alguns julgamentos sobre o meu cantar e sobre como a minha voz poderia se lançar no espaço, ser audível e a maleabilidade dela no seus tons graves, médios e agudos. Comecei experimentando exercícios de respiração como o som do "S", o som do "R" na ponta da língua e o som de "bru" com os lábios tremendo, para que eu pudesse me sentir mais preparada na parte respiratória. Funcionou, mas eu senti dificuldade na sustentação do ar do meu diafragma por causa desse hiato de tempo



ao qual eu não estava praticando o canto ou até mesmo a voz teatral para uma apresentação.

Falando mais do que eu ando fazendo hoje em dia, eu consegui escolher uma música que eu me sentisse confortável mas ao mesmo tempo desafiada para cantar no meu estágio, o nome da música é "Stand up" e foi uma música que apareceu para mim em um momento a qual eu não estava procurando por ela, mas eu me interessei muito pela letra dela e a maneira como ela é cantada. Eu estava vendo vídeos no Tik Tok, quando um dos vídeos era uma parte dessa música e eu achei ela muito incrível. Fui procura-lá, para ouvir a música inteira e descobri que essa música é a trilha sonora do filme "Harriet", ao qual ainda não assisti, mas com certeza eu vou ver. Desde então que eu escolhi essa música como a *Música* que eu vou cantar, eu ando praticando ela no chuveiro, escutando ela quando eu posso, sempre olhando a letra porque ela é em inglês e eu não sei falar inglês, mas a minha pronúncia em inglês é boa (pelo menos isso).

Praticando a música eu percebo que se eu canto apenas ela várias e várias vezes eu não tenho um resultado tão bom de interpretação, dedicação e de canto quanto, quando eu canto várias músicas diferentes e depois eu canto ela, me parece que quando eu canto outras músicas de ritmos e maneiras diferentes a minha voz cria uma maleabilidade ao qual fica muito mais fácil de fazer o que eu preciso fazer com a música escolhida.

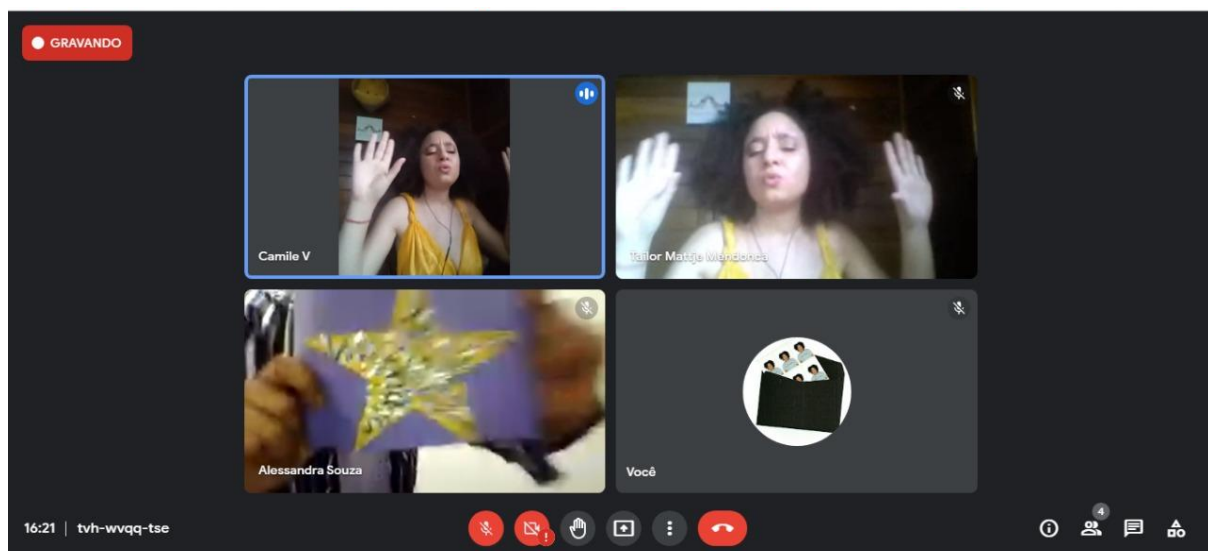
Combinamos de gravar os dias de ensaio que improvisávamos com as personagens, assim poderíamos nos ver e ter uma noção melhor do que melhorar em nossas interpretações. Aos poucos fui experimentando e entendendo quem era a Solaris, qual o seu modo de falar, como se movimenta, ela tem arrependimentos? Como foi o seu passado? Qual a sua idade? Descobri que Solaris é a persona de uma estrela, que vive no universo, seus amigos são outros astros celestes, ela se movimenta e fala sem pressa, pois tem 1 bilhão de anos, mas é considerada uma estrela jovem. Gosta de ser vista e não fala de algo ruim que lhe aconteceu, sempre parece que ela responde as perguntas, mas na verdade ela não responde. Me inspirei nas entrevistas do Michael Jackson e da Beyoncé, mesmo quando eram

convidados para falar de um escândalo pessoal, eles surfavam nas palavras e não respondiam nada concreto.



Print da conversa

Após muito ensaiar sozinha a música escolhida, gravei e mandei para minha orientadora que me fez apontamentos importantes e necessários sobre o meu modo de cantar a música. Um dos apontamentos foi para que eu experimentasse e me permitisse cantar a música do meu jeito, sem tentar imitar a interpretação e os agudos da Cynthia Erivo, a escritora e intérprete da música “Harriet”. Esse conselho me ajudou muito, pude me permitir explorar a música como algo maleável, que pudesse se adequar a minha voz e não o contrário, valorizando assim os meus atributos individuais enquanto cantora iniciante.



Print da improvisação da cena “Estrela Solaris”

🇺🇲 Dia 23 de setembro de 2021

O dia de usar o teatro tinha chegado, eu estava muito feliz e satisfeita com o que tínhamos construído até ali. Tínhamos o Teatro Municipal de São Leopoldo das 14hs até as 21hs só pra gente. Eu já havia visitado o teatro para fazer a visita técnica e assinar os papéis da ocupação e tinha me apaixonado por ele (o teatro). Mas agora ele era todinho nosso, ai que alegria! Voltar a atuar em um palco e ainda mais de um teatro tão bonito e bem planejado, era uma satisfação sem tamanho, meu coração estava tão contente, senti que eu estava onde deveria estar a minha vida toda, em um teatro fazendo arte.

Combinei com o Julio (o videomaker), para chegar às 16h30, para que desse tempo para ensaiarmos no palco antes de começarmos as gravações. A Letícia (a maquiadora), iria chegar apenas às 19hs porque ela trabalhava em Porto Alegre até às 17h30, e o figurino estava pronto, eu havia pego ele na semana passada e ele ficou exatamente como eu desenhei.



Foto do Teatro Municipal de São Leopoldo



Foto da Diretora Silvana e do Videomaker Julio

Nos alongamos e começamos a passar a cena no palco, mas por ser presencialmente, acabamos por improvisar certas partes da cena e a cada passada ficava diferente, para a preocupação da diretora. Silvana, que nos orientou para fixarmos o diálogo, que era o que mais mudava, e aos poucos eleger os movimentos para a gravação.

Era a primeira vez que eu cantava com um microfone em um pedestal, achei que seria estranho, mas se deu de forma tão harmoniosa eu usar tal objeto, que me surpreendi, mais uma vez senti que estava onde eu deveria estar. Passei a música umas 3 ou 4 vezes melhorando o que a Sil e a Ale me apontavam. Após as passadas, fomos nos arrumar para poder gravar, o Julio já havia chegado, ele e a Sil foram ver quais os melhores ângulos para a câmera e se a luz do teatro ficava boa na gravação. A Ale trouxe a Rita, sua namorada, para lhe ajudar a se vestir e lhe maquiar, enquanto nos arrumamos comemos bolo de chocolate, que eu trouxe e outras guloseimas, foi um processo descontraído, alegre e íntimo como imaginei. Após gravarmos todas as partes escolhidas para serem gravadas no teatro, que não

aparecia o meu rosto, ou eu não aparecia, ficamos preocupados pois a Letícia não chegava. Ela se atrasou por causa do trem e chegou às 19h30 e me maquiou o mais rápido possível, mas a maquiagem precisa do seu tempo para ser feita e ela terminou de me maquiar às 20h40, com isso nós só tínhamos 20 minutos para gravar toda a parte do canto. Respirei fundo e tentei me tranquilizar, fiz o meu melhor, só pude gravar duas versões do cantar, dei tudo de mim naquele momento.



Foto da maquiadora Letícia, preparando a atriz

O dia terminou em uma alegria em conjunto, eu só pensava: “foi tão bom estar aqui, com essas pessoas, fazendo o eu acredito”.



Foto da personagem Solaris

Quando terminou o mês de setembro já havíamos finalizado 3 cenas, só faltava 4 cenas para terminarmos tudo. Focamos na cena "Apaixonades", que foi inspirada no conto "Um beijo na face" de Conceição Evaristo e na minha vida pessoal, a cena basicamente é um casal conversando sobre sua vida particular. Eu fiz questão de colocar o título em gênero neutro, como uma pequena homenagem a uma pessoa próxima e também não queria limitar a um tipo de casal específico, pois o que é dito pode ser falado por qualquer pessoa, independente do gênero. Para esta cena a diretora nos propôs buscarmos personagens que fossem o contrário de nós mesmas, nunca tinha trabalhado com essa proposta, mas gostei no primeiro momento. Busquei através de perguntas, encontrar uma pessoa que eu pudesse explorar mas o que de fato seria o contrário de mim? Para responder isso primeiro é necessário ter um conhecimento profundo sobre si mesmo, e felizmente, penso que eu tenho esse conhecimento. Escolhi me aprofundar na ideia de se infantilizar, pensei: " Não gosto de pessoas que se infantilizam e evito ter atitudes e uma imagem infantilizada. Cansei de ouvir durante a vida o quanto eu era madura, então talvez agora seja o momento de se arriscar...". Durante as improvisações busquei usar acessórios cor de rosa, pois é uma cor que eu não uso no meu cotidiano, escolhi um penteado que eu não usaria na minha vida pessoal e busquei me portar de forma infantilizada ou melhor ainda como eu entendia que seria isto. Esse foi o problema. Era uma cena sobre um casal e eu estava me portando como uma criança, o público poderia pensar que eu estaria interpretando de fato uma criança e isso não seria bom. Trabalhei durante os ensaios como suavizar as características para que pudesse ter a interpretação do público de que a personagem era uma adulta com gostos infantis, mas mesmo assim, uma adulta. Silvana me orientou com maestria para que eu pudesse chegar a algo identificável com uma "postura" de adulto. Pelos ensaios se darem de forma virtual, eu não fiquei 100% satisfeita com o resultado da minha interpretação para essa cena, acredito que eu conseguiria um melhor resultado se os ensaios fossem presenciais; falo isso pois durante os ensaios minha filha sempre subia no meu colo e pedia atenção, ou simplesmente queria mexer no computador ou celular, as vezes a internet, de uma de nós, caía e cortava o clima e a concentração ali propostos. Além disso, problemas no microfone

durante a vídeo chamada e várias outras questões que adentram o ensaiar em casa.

 Dia 14 de outubro de 2021

A dramaturgia não estava finalizada e isso estava me enlouquecendo. Já estávamos em outubro e eu não tinha conseguido tempo para sentar e escrever, dentro das minhas várias responsabilidades, com os ensaios duas vezes por semana e as tarefas para construção das cenas, o cuidado e criação integral que é ter uma filha, fazer comida, vesti-lá, trocar a fralda, cuidar para que ela não coma coisas que possam matá-la, dar amor, carinho, banho, brincar e explicar tudo do mundo, é apenas algumas das funções de uma mãe; ainda estava participando do concurso “Mais Bela Negra de São Leopoldo”, ao qual fui convidada e não poderia recusar, por tamanha oportunidade de ser *vista* pela atual cidade que estou morando. Quando chegava a noite, eu exausta, pensava: “amanhã vou ter tempo, vou estar mais disposta e conseguirei terminar a dramaturgia”, mas a verdade é que eu não tinha conseguido. A Silvana e a Alessandra sempre me ofereciam ajuda para escrever, porque era algo que necessitava ser feito, mas a verdade é que era algo que eu deveria fazer, pois a dramaturgia do *Universo em mim* era sobre mim mesma. No dia 14 de outubro de 2021, após um ensaio tenso e cheio de cobranças de tarefas que eu não tinha feito, me senti um lixo. Eu não conseguia fazer o que me comprometi, nem no estágio, nem com a minha filha, nem comigo mesma. Em algum momento comprei a ideia de super mãe e super mulher e isso deu muito errado, pois não sou super, apenas a Camile. Por mais que as pessoas possam ser compreensivas, é difícil alguém que não tem filhos entender a rotina de quem é mãe. Não poderia mais postergar as minhas tarefas, quando chegou a noite, mesmo exausta, entrei a madrugada escrevendo e consegui finalizar a dramaturgia e as tarefas pendentes.

A dramaturgia ficou assim:

- Prólogo
- Cheiro de pão : cena que continuou da antiga dramaturgia escrita em 2020, onde conto uma lembrança com a minha avó.

- Apaixonades : cena inspirada no conto “Um beijo na face” de Conceição Evaristo e na minha vida pessoal, onde exploro a relação de um casal.
- Estrela Solaris: um programa de entrevista com os astros celestes, onde a cantora Solaris é entrevistada.
- Rosa Anjo: uma homenagem à minha mãe Rosângela.
- Útero Criador: cena baseada nas minhas ideias iniciais de dramaturgia em 2020, onde conto a minha relação em ser mãe e a liberdade interior que veio com essa experiência.
- Epílogo.

*(Dramaturgia na íntegra no anexo 2)*

Além da cena "Apaixonades", trabalhamos também a cena “Rosa Anjo” durante o mês de outubro. Na cena “Rosa Anjo”, eu fiz questão que a minha companheira de cena, Alessandra, fizesse a cena sozinha. Nesta cena eu conto algo pessoal da minha vida e da vida da minha mãe, escolhi ouvir a história ser contada pela boca de outra pessoa, assim poderia ter um distanciamento e pensar na história como uma cena, parte de uma peça teatral e não apenas um recorte da minha vida. Alessandra e Silvana ensaiaram juntas para esta cena, sem a minha presença. Foi uma surpresa quando a Alessandra me mostrou o esboço da cena, através das gravações que ela tinha realizado no gasômetro. Ela trouxe vários elementos cheios de significado para mim, para começar o próprio lugar da gravação. Em um dos vídeos propostos pela Alessandra, ela está em um barco, passeando pelo Guaíba com duas rosas amarelas nas mãos, significando os dois bebês na barriga de Rosa Anjo e a conexão ancestral das águas doces da Orixá Oxum.

 Dia 04 de novembro de 2021

Aconteceu! Hoje filmamos a última cena do espetáculo! Estou muito feliz! Ralei muito pra isso acontecer!



A diária hoje foi em Porto Alegre, me encontrei com a Silvana para irmos juntas de trem, estava com mil coisas importantes para a gravação na mochila. Levei o figurino novo que pedi para a Mari fazer, que ela nomeou de asas, levei o figurino velho que reaproveitamos da peça "Bunker" que a Sil participou, levei flores, sapatos brancos, lanches, um roteirinho que fiz para a filmagem, maquiagem etc.



Foto no Gasômetro em Porto Alegre



Gravação da última cena

Só faltava a cena "Útero criador" e o epílogo. Começamos me gravando parada no meio da Rua da Praia, foi estranho, mas muito legal. Muitas pessoas vieram até nós interessadas em saber o que estávamos fazendo, Celina me disse que com a situação pandêmica, as pessoas não estão mais acostumadas a encontrar arte na rua, mesmo na Rua da Praia, um local onde é muito comum ter apresentações, performances e afins. Até aí tudo bem... Quando fomos gravar no Gasômetro, senti dificuldade para manejar o figurino e usar ele na dança, a Alessandra me deu o suporte necessário para este momento, pois ela também é coreógrafa, mas eu me sentia um pouco presa e nervosa, completamente diferente da ideia da cena, que é liberdade e leveza. Me senti assim, porque de fato eu também havia me desacostumado a fazer algo artístico na rua, não que eu me sentisse envergonhada ou algo assim, mas eu me distraía fácil olhando as pessoas me olharem, como se o olhar humano também fosse algo novo no convívio. Após algumas experimentações, consegui me concentrar e me entender com o figurino. Testamos uma gravação, mas não ficou tão boa assim, apenas na terceira vez é que eu senti "passei o que eu queria". A música eu gravaria depois para ser colocada na edição.



Making-off das gravações

Quando terminamos de filmarmos o epílogo, comemoramos no Boteco do Paulista. Senti leveza e liberdade, assim como na cena.

Após terminarmos as gravações, paramos os ensaios também e continuamos nos falando quase todos os dias no Whatsapp, pois a partir desse momento era necessário fazer a divulgação, arte, orientar a edição, escolher algumas trilhas sonoras etc. Minha orientadora, Celina Alcântara, participou da reunião dos estúdios e me informou sobre a possibilidade de fazermos parte da Mostra Dad 2020, o que ajudaria no quesito divulgação. Nos foi confirmado que faríamos parte da Mostra Dad 2020 e falei com o colega, Gabriel Brochier, o atual bolsista responsável pela divulgação da Mostra, ele se encarregou de fazer o cartaz e nos pediu algumas informações necessárias do espetáculo. Preparando para enviar ao colega as informações necessárias, me deparei com a pergunta: Classificação etária do espetáculo? Pensei: “o espetáculo não tem nenhum tipo de violência, não contem sexo explícito, acredito que seja livre, ou para maiores de 10 anos”. Descobri que praticamente todos os tipos de violência as crianças podem assistir, mas se o assunto for aborto, aí só pra maiores de 14 anos! Achei muito estranho tal classificação e tive que colocar a faixa etária para maiores de 14 anos, pois na cena “Rosa Anjo” falo em aborto masculino, no sentido de abandono, mas também há uma subjetividade na cena “Útero Criador”, onde um dos relatos fala: “...eu queria sentir de novo a tua doce presença, mas eu não podia, simplesmente

não conseguia te trazer de volta”, que fala sobre a tristeza de uma mulher de ter tido um aborto espontâneo, isso fica mais evidente na continuação da cena. Confesso que fiquei bastante decepcionada e irritada com isso que me pareceu tanto um tipo de censura quanto um excessivo moralismo machista e tosco, mas coloquei a classificação de 14 anos como foi exigido.

O espetáculo *Universo em mim* foi um trabalho ao qual eu me dediquei inteiramente, desde a criação da dramaturgia, até os últimos detalhes da edição. Consegui realizar o que eu mais queria, saber que dei o meu melhor durante todo o processo e hoje após o espetáculo estar pronto eu me sinto confiante com a minha dedicação e desempenho que realizei desde 2020, neste Estágio de Atuação que configura parte do término da minha formação como atriz no seio acadêmico.



Foto do Espetáculo Universo em mim - fotógrafo: Julio Estevan

## **FALA E ANCESTRALIDADE**

Um dos muitos conselhos que recebi da minha avó, durante a minha infância, foi o de não esquecer da onde eu vim. Na época eu não entendia o que ela queria

dizer com essas palavras, mas ao longo dos anos, fui amadurecendo e percebendo o quando esse conselho me é valioso. *Não esquecer de onde se veio*, pode-se traduzir por não esquecer as origens, os antepassados, a própria família, as pessoas que te apoiaram, mas principalmente, não esquecer a sua história. Falo história, pois é algo que pode ser representado, cantado e falado. A história de cada um/uma é a narrativa da vida de cada pessoa e conseqüentemente da sua *identidade*, assim como o corpo que é a voz e vice-versa. Falamos muito de história aqui, no sentido amplo, para podermos entender o sentimento de pertencimento, mas agora iremos falar da história em um sentido mais individual, sem deixar de conversarmos sobre o que nos toca em comum.

Quando comecei a assumir minha negritude os cantos, cantigas e canções me foram de grande valia, para compreender melhor quem eu era. Escutava Clementina de Jesus a falar do nosso passado, em suas músicas, que me faziam compreender melhor minha própria origem. Como tudo referente a escravização foi apagado e queimado, pessoas como eu não tem acesso aos reais nomes de seus antepassados, fotos, de onde vieram e como morreram. No Brasil, infelizmente, não temos esse conhecimento e isso nos afeta enquanto *identidades*. Assim nos sentimos abandonados e desamparados, em relação a história de nossos antepassados familiares.



Foto da Clementina de Jesus

Negros e negras no Brasil têm uma relação com a sua ancestralidade a partir dos resquícios que sobraram naqueles que lhes são próximos, sobretudo nos ditos/palavras, histórias e hábitos (cultivos de várias ordens). Não temos documentos, registros que digam de nossos antepassados. Eu, por exemplo, dos meus antepassados um pouco mais longínquos, conheci apenas minha avó paterna que morreu quando eu tinha oito anos. Esses fatos e/ou a ausência deles estão presentes no meu trabalho, sendo também as referências primeiras relacionadas às questões de afrocentricidade, ancestralidade, negritude.(ALCÂNTARA, 2018, pág 285)

Comigo não é diferente, *não esquecer de onde se veio* também é trazer a sua história para as criações artísticas e também acadêmicas. Falando de minha história, me foi ensinado a cultura do *silêncio*. Havia o pressuposto de que se eu ficasse quieta, calada, nada de ruim aconteceria, expor minha opinião ou reclamar do que quer que fosse, era um ato de se colocar em perigo, pelo menos era o que minha família pensava. Assim como bell hooks(2019), me era imposto o silêncio, uma menina negra não pode se colocar e falar o que pensa, pois nem os adultos fazem isso. Quando eu era “atrevida” e impelida a falar o que se passava em minha cabeça, era punida com ríspidas palavras que buscavam me silenciar. Minhas atitudes após adulta eram a de manter a minha voz guardada, mas descobri ao longo dos anos que essa não é minha natureza.

Em um dia, durante uma aula teórica na faculdade, me arrisquei a expor minhas impressões sobre a matéria estudada, mesmo não me sentindo segura em expor minha opinião, minha boca simplesmente não se mantinha fechada, acabei por dizer que a professora em questão estava completamente equivocada em achar que teatro de verdade só se faz na Europa, me senti tão ofendida com tamanha afirmação dada por ela, que não me contive. Após o episódio, pensei que talvez não tivesse agido de maneira correta, que talvez fosse melhor ter me mantido em *silêncio*, foi quando um amigo e colega da mesma cadeira veio até mim e me disse:

“Você fala tão bem, sempre tem uma opinião importante e relevante sobre as coisas, pena que você fala tão pouco”.

A disposição para me abrir sobre coisas pessoais, que sempre existiu na minha fala, só tem sido mais trabalhada na minha escrita recentemente. Levei mais tempo para publicizar questões privadas na escrita, pois o medo da punição estava a minha estreita - o medo de dizer algo sobre pessoas amadas que sentiriam que aquilo não deveria ser dito; o medo de que a punição se expresse pela perda, pelo rompimento de relações importantes. Isso é verdadeiramente, num nível profundo, um problema real de raça e classe, pois muitas pessoas negras são criadas para acreditar que há muitas coisas sobre as quais não se deve falar, nem no privado nem em público.(hooks. 2019, pág 25)

Episódios como esse me marcaram, o comentário do meu amigo ficou ecoando em minha mente. Pensei : “ Por que não falo mais?”, de fato não é fácil mudar velhos hábitos, ainda mais quando eles são renovados socialmente nos vários espaços e situações aos quais vivenciamos. Dificilmente vamos ver uma mulher negra ser incentivada a falar e expor sua opinião. É certo que estamos mudando essa realidade a cada dia, mas a sociedade racista por intermédio de seus vários mecanismos segue nos mantendo caladas. Penso em Rosa Parks, que teve coragem de expor sua opinião diante da segregação imposta nos Estados Unidos, ela se recusou a dar o seu lugar no ônibus para pessoas brancas, um gesto visto em primeiro momento como pequeno, mas que gerou uma grande repercussão na época, onde o movimento contra a segregação durou mais de 300 dias e só terminou após a Suprema Corte dos EUA declarar inconstitucionais as leis de segregação.

[...]e quando falamos temos medo  
que nossas palavras não sejam ouvidas  
nem bem vindas  
mas quando estamos em silêncio  
ainda assim temos medo  
Então é melhor falar[...] (Lorde, 1984)

O racismo faz com que tenhamos medo de expor nossas opiniões e de se expressar em geral, a ideia de se manter em silêncio muitas vezes é para não trazermos mais problemas a nossa existência em um problemático mundo branco. Definitivamente a fala negra incomoda, pois, segundo Grada Kilomba(2019), “ Uma vez confrontado com verdades desconfortáveis dessa história muito suja, o sujeito branco comumente argumenta “não saber...”, “não entender...”, “não se lembrar...”, “não acreditar...”. Grada nos explica que ao falarmos podemos, naturalmente, expor nossa história e o que vivemos, como a escravização e o racismo cotidiano e isso não é algo que a sociedade em geral quer que seja lembrado. Por isso muitas vezes a fala negra incomoda, pois falamos de nossas realidades, dentre muitas subjetividades está também casos de racismo que vivemos, e isso é visto como verdades desconfortáveis para quem não vive isso, ou até mesmo é racista. Mas no poema acima, de Audre Lorde, ela nos chama a atenção para o fato de que o medo não desaparece, falemos ou não. Neste sentido, melhor não se calar.

Ao falarmos não estamos apenas expondo nossas opiniões, mas também estamos saudando nossa ancestralidade, *não esquecendo de onde viemos*, pois estamos fortalecendo o ato de falar em si mesmo e, ao mesmo tempo, é um modo de se contrapor a cultura que nos quer calar.

## ENCONTREI MINHA IDENTIDADE VOCAL?



Foto do espetáculo “Universo em mim” - Foto: Julio Estevan



Após passarmos pelo sentimento de pertencimento e discutirmos o quanto ele é importante para que possamos nos expressar vocalmente; sermos testemunhas do processo criativo do Espetáculo *Universo em mim*; pensarmos corporalidades na voz e vermos que corpo e voz são um e a mesma coisa, mas com intensidades e características diferentes um do outro e que de fato não existe voz sem um corpo, e que este corpo não pode ser visto como neutro; e após conversarmos sobre fala e ancestralidade e como uma permeia a outra de forma natural e individual, eu os convido a responder essa pergunta do título comigo.

Podemos concordar que *identidade vocal* é um conjunto de características e vivências de um indivíduo, ao qual pode ser modificado durante toda a sua trajetória, pois assim como o corpo, que pode sofrer lesões, envelhecer e mudar, de diversas formas, a história da vida de alguém também se modifica e ambos compõem nossa identidade vocal. A identidade não é algo que pode ser invariável, a medida que uma pessoa pode se identificar e deixar de se identificar com um número indefinido de coisas, vivências e pessoas; assim como hoje minha voz soa calma e jovem, amanhã ela pode ser suave e madura e mesmo assim eu ainda serei a Camile, mas uma Camile mudada, diferente do hoje e com mais experiências em minha bagagem.

A busca pela identidade vocal que flui o meu ser e todas as suas subjetividades é complexa, como pudemos ver. A voz não é algo fixo, acredito que por isso seja algo tão belo em cada um de nós, ela tem corpo, ela tem cor, ela tem história, intensidade e variações diversas. Características tão singulares quanto as pessoas que as portam. Ao fazermos balbucias, resmungos, ao dizermos frases e palavras, ao cantarmos, é aí que ela se mostra e nos revela enquanto seres mutáveis e complexos.

A busca pela minha identidade vocal é algo interminável, sempre quereirei atualizar em mim tal resposta, mas hoje posso dizer um pouco mais, o que faz, o que constitui a *minha voz*. E ela é feita de ancestralidade, de negritude, de um pertencimento que ainda está sendo construído, de histórias ouvidas, de músicas ouvidas, aprendidas e cantadas, de performances, de lutas, de fala. Ao fim e a cabo percebo que minha voz é feita do que já é e do que está por vir.

## REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Celina Nunes de. **Fala negra: um trabalho vocal para teatro como ato político**. Repertório, Salvador, p. 281-295, 2018.1

FANON, Frantz. **Pele Negra Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

HOOKS, bell. **Erguer a Voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo, 2019.

KILOMBA, Grada.. **Memórias da plantação** - Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro, 2019.

LIMA, Débora Cíntia Cazonato de. **Corpo e Corporalidade: um debate sobre o conceito e a vivência dos alunos sobre estética corporal**. Cadernos PDE, Paraná, Volume 1, 2013.

MONTENEGRO, Mônica A. P. **Integração corpo/voz - as relações de peso e apoios na emissão sonora**. Repertório, Salvador, p. 20-35, 2018.1

RAMOS, Lázaro. **Na minha pele**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

SANTOS, M. R. D; **Histórias de reencontro: Ancestralidade, Pertencimento e Enraizamento na descoberta de ser negra**. Dissertação (Dissertação em Psicologia)- USP, São Paulo, 2014.

## **ANEXO 1 - Parecer sobre este trabalho emitido pelo professor artista Thiago Pirajira que fez parte da banca de arguição**

Querida Camile!

Primeiramente quero te dizer que me alegra fazer parte desse momento de conclusão de um ciclo importante e celebro por ter chegado até aqui. Não consigo imaginar todos os desafios e as dificuldades que acompanham sua trajetória até aqui, mas tenho a consciência de que muitos dos percalços se fazem por conta da dura, perversa e sistemática realidade que condiciona a nós, pessoas negras. Ao mesmo tempo, celebro junto contigo as descobertas, os encontros, amores, evoluções e os processos em que você vem se constituindo como negra, mulher, artista, mãe, filha, neta, amiga e demais posições que você assume e elabora na sua existência. E vibro ao ver seu estágio-espetáculo UNIVERSO EM MIM, seu Relatório de Estágio, e seu TCC, pois neles você apresenta uma composição complexa atribuída de elementos presentes na área do pensamento crítico negro, nos estudos sobre interseccionalidade e nos estudos especulativos negros, tramando história, crítica, realidade, ficção e o mais importante, a realocação das subjetividades negras, desde uma perspectiva de produção de vida.

Acredito que nessa elaboração, habita algo muito importante, que tem a ver com um modo de ser no mundo e que se reflete nos modos de criação, um modo repleto de contradições, de contraposições, de tensões, de fissuras, lacunas, desvios, um modo, por fim, simultâneo. E pensar a simultaneidade tem a ver com fortalecer as contra-narrativas ao modo de ver, estar e narrar que o mundo ocidental, brancocisheteromasculinoueupeu impõe. Inspirado pelas cenas que você apresenta no espetáculo, confluídas com as escritas do relatório e do TCC, reajo nesse parecer, também conectado àquilo que nos constitui e que chamamos de ancestralidade.

Ancestralidade, desde a atualização de um lugar de pertença, como você mesmo defende no seu TCC e nos apresenta no espetáculo. Ancestralidade como imaginação radical no qual você desloca a realidade para criar atmosferas onde o corpo negro está, utopicamente, em prazer, em algo surpreendentemente radical: amando. Sabe, Camile, percebo que o amor que você constitui e deflagra na sua criação está aportado não numa relação de causa e efeito ou de unidade, mas numa percepção do mundo que nos evidencia pelas diferenças, pelas gerações e pela continuidade, como você mesma nos conta. A força

criativa (tanto dramatúrgica, cênica e reflexiva) do seu trabalho, ao meu ver, mora na capacidade de você criar essas tramas circulares entre os tempos, onde passado, presente e futuro estão juntos, co-habitando e confluindo. Se os aprendizados de suas mais velhas alçam você para a consciência e para a cura, sua presença como mulher negra artista mãe, consciente e feita pelas suas, também forma e constitui sua continuidade, sua Serena. Aqui um adendo: não sei se foi intencional ou não mas achei bonito o traço de conexão existente entre a persona Solaris e sua filha Serena. "Eu decidi voltar para uma caminhada boa, confortável e confiante". Tomo a liberdade de confabular: Voltar para uma caminhada boa, confortável, confiante: Serena. Sofisticadamente cíclico, não? Coisa de preta.

Ao longo do espetáculo você apresenta uma narrativa composta por cenas conectadas em tempo espiralado, que desfaz o tempo linear, aliando-se aos modos criativos que tomam a memória e a ancestralidade, pautadas pelas experiências negras, como ponto de partida. Memória é movimento, e como diz nossa mais velha, Yabá das palavras, escritora, doutora em letras, Conceição Evaristo: Memória é invenção. É escrevivência. No processo criativo, você ousa dando autoria a história que nos esta sendo contada e destaco aqui a formulação que você traz ao criar o texto, relacionando inteligentemente com partes do seu próprio corpo, amparados pela sua própria escolha "vou escrever minha própria dramaturgia, esse é o único jeito de ser exatamente o que eu sonhei" (relatório de Estágio). Com essa escolha você consegue elaborar subjetividade, o que faz com que eu como espectador consiga fluir em um texto-corpo múltiplo e em transformação. Considero primorosa a noção de mulher-dramaturgia que você traz no seu relatório e sugeriria que você continuasse elaborando essa ideia pois percebo nela densidade conceitual organizada desde uma prática. Talvez fosse o caso dessa noção também aparecer no TCC, pois fortalecerá ainda mais sua discussão teórica sobre voz-corpo-pertencimento.

Todo esse trabalho, que você nos conta no relatório e que podemos ver no estágio-espetáculo só chega neste lugar devido ao seu trabalho e a aliança que você faz com suas parceiras artistas, Silvana Rodrigues, Alessandra Rodrigues e sua orientadora Celina Alcântara, que também fortalecem e nutrem você nesse processo de pertencimento na reconexão com sua ancestralidade. O pertencimento, ideia tão cara que você discute no TCC, também tem a ver com as experiências vivenciadas com estas mulheres, e sabemos muito bem que nossos saberes, práticas e modos de ver, estar e sentir o mundo estão pautados na coletividade. Coletividade para além da escolha, mas como fundamento de vida, como potência vital, como Axé. E nesse sentido penso que você coloca muito bem os

desafios de se fazer voz-corpo ao longo da escrita do TCC, apresentando dados históricos, sobretudo os que correspondem aos processos sistemáticos de violência contra as populações negras. Acho importante que esses dados sejam incessantemente apontados, pois eles configuram também a continuidade existente no presente. A colonialidade, a violência colonial segue em curso, enquanto escrevo esse texto, elaboro a imagem disparada nas redes sociais de um jovem negro sendo arrastado amarrado a uma moto que é dirigida por um policial militar. Tudo aquilo que você coloca em citações mais extensas, segue sendo, nos constitui e nos mata um pouco. Mas, como disse no início do texto, sobre a ideia de simultaneidade, ao mesmo tempo que somos vítima dessa política ainda colonial, somos agentes de resistências, protagonistas de estratégias, tecnologias, inteligências, expertises, magias, axés, ebós, contra-feitiços, contra egunguns que evidenciam nossas re-existências e a marcação do nossa presença como corpos que disputam a vida e as narrativas de mundo. Digo isso, por que penso que no seu TCC poderia haver algum espaço onde você evidenciasse um pouco mais essas resistências, esse outro lado da história que não é muito contada, salvo os esforços dos Estudos Pós-Abolição, por exemplo, que trazem para a cena o protagonismo de pessoas, grupos e comunidades negras silenciadas pela história pautada pela branquidão. Por isso, (p.9) fazer o esforço de lembrar e destacar os nomes dessas pessoas, desses pensadores, das nossas mais velhas e mais velhos, que mesmo diante da violência, desenvolveram importantes atos de resistência, assim como você no episódio em que não se cala e disputa a narrativa do professor em aula, movimentos e cenas como essa, que são muitas, infindáveis, possam aprofundar ainda mais sua discussão. Onde há violência, há resistência.

Você articula no TCC, a partir da investigação da sua construção identitária relacionada com sua voz-corpo interessantes reflexões, das quais destaco, na p. 8, o despertar da sua consciência, interseccionalidade entre raça, gênero e sexualidade (que não está no TCC mas está descrita no relatório), elabora também as estratégias de cuidado e manutenção de si. Mais um movimento cíclico. Ao pensar a voz você abre a percepção para a consciência interseccional e a consciência interseccional faz fluir a percepção para com a voz-corpo. A linearidade não equaciona essa questão. A circularidade equaciona!

Você fala dos cantos como canais de reconexão e isso faz eu pensar na potência temporal dos cantos de santo. Orixá só se manifesta com canto, dança e toque! Você fala das dificuldades com os formatos científicos de escrita, e eu concordo, e acho que todos aqui concordam, e Conceição Evaristo concorda. Esse modo está centrado em um modo de

pensar o mundo, o modo ocidental, que não dá conta das complexidades que constituem nossas experiências, sobretudo a experiência da diáspora forçada, do grande trauma, da fratura. Acho que podemos e devemos experimentar e ousar nas nossas escritas, com compromisso e seriedade, mas também com beleza, leveza e sonho. Mas apesar das dificuldades, temos que nos colocar no desafio de evidências os nomes das nossas referências, evidenciar suas presenças, contracolonização, o silenciamento constante aos nossos saberes, ao epistemicídio, como nos ensina Sueli Carneiro. Nossas mães e pais mais velhos trabalharam duro para nos proporcionar estarmos aqui hoje, precisamos seguir nesse compromisso, coletivizadas ou não, de evocar esses nomes. É uma tarefa, como disse, contracolonial, como nos ensina o Mestre Quilombola Nego Bispo. Isso é estratégico, pois fará com que no futuro as próximas gerações possam ter mais referências, porque estamos sendo corpo desta continuidade. Percebe nossa subversão? Estamos trabalhando juntas no passado, no presente e no futuro. O tempo pra nós, Camile, é outro!

Com essa percepção de que nosso tempo é outro, me despeço, parabenizando tua trajetória, teu caminho, tuas confabulações e tua imaginação radical, organizada com suas parceiras e com suas inquietações. Desejo que siga na busca e na elaboração desta mulher-dramaturgia-voz-corpo, pois temos muito a aprender contigo. Que teus caminhos sigam abertos e que tua voz, assim como Solaris, lute, mas também repouse na tranquilidade, na prosperidade, na fartura e no deleite. Que a velocidade da luz nos leve para um futuro próximo onde a utopia não seja mais uma busca para nós.

Com carinho,  
Thiago Pirajira

Porto Alegre, 2 de dezembro de 2021.

## **ANEXO 2 :**

# ***Universo em mim***

## **Prólogo**

[Câmera; foco nos pés; pés vistos de cima] [Teatro, platéia]

Dois pés no chão. Um passo depois do outro, os pés entram em um lugar escuro, mas ainda é possível vê-los na penumbra. Andam até uma cadeira específica em uma fileira de cadeiras; é possível notar que a pessoa dona desses pés sentou-se.

Tudo fica escuro, mas dá pra sentir a sensação de estar no teatro.

## **Cheiro de pão**

(Transição com sons de crianças brincando, apenas o som com a imagem ainda no escuro que aos poucos vai clareando, como alguém que acorda de um longo sono).

[Câmera: de cima, pegando apenas a bacia amarela e o que tem dentro dela]

Farinha, fermento, açúcar, óleo e água. Misturo, amasso e sovo bem.

-Esse era o nosso momento especial, meu e da minha vó.

[ Câmera frontal, como uma entrevista]

-Na minha infância ela se dedicava a fazer o pão na cozinha, pegava todos os ingredientes. Com uma bacia grande nas mãos, ela dizia:

"Primeiro os ingredientes secos e depois os molhados".

Ela misturava tudo com atenção até virar uma massa bonita, que depois amassava com as mãos. Passava farinha na mesa de madeira e sovava o pãozinho. Quando a massa já estava bem sovada, eu recebia um pedaço, era onde eu podia soltar a minha imaginação, criar o que eu quisesse.

-Eu sempre fazia pão em forma de bichos, tartaruga, elefante, lagartixa eram os meus favoritos. E para fazer os olhinhos era necessário dois grãos de feijão, colocados com delicadeza e atenção no lugar certo da minha obra de arte. Antes do forno, a vó colocava os pães em um lugar que pegasse sol, ela dizia que era pra eles crescerem e ficarem fofinhos. Depois tudo ia pro forno,

o pão feito pelas mãos da minha vó e os meus bichinhos feitos de massa e imaginação.

-Durante o preparo eu sempre perguntava pra ela sobre as histórias do passado:

"Vó, a minha mãe era muito sapeca?"

"É verdade que tu sabe cozinhar jacaré?"

"Como o vovô era? Ele era bonito?"

-E ela me respondia:

"Ahh, a tua mãe..."- dizia com aspereza enquanto balançava a mão em palma".

" Claro, eu fazia na casa dos ricos tudo, eles lambiam os beiços".

" Era... teu vô era bonito!" -falava como a sonhar com o passado. " Ué?! mas tem a foto dele ali na parede. É só tu olhar".

## **Apaixonades**

Entre todas as estrelas do universo, entre todas as luas de Júpiter, entre todas as galáxias e suas diversas cores, eu com certeza só consigo olhar pra você. Sabe, aquilo que dizem por aí:

"Quando se é sugado por um buraco negro você é potencial estilhaçado em vários fios como se fosse macarrão, e você só conseguirá enxergar a escuridão em volta, como se a sua existência só se resumisse a dois olhos a olhar o universo e através dessa caída".

- Bem, quando eu te vi senti que fui puxada de lá de dentro. Eu sorri.
- Você está falando de mim certo? Pois foi assim que eu me sentia também, parecia que...

(Falamos juntas) - eu não fazia e não era nada do que eu queria ser.

- Não romantize a coisa, você sabe que quando você me conheceu eu não era uma pessoa legal.
- Eu também não era nada do que sou agora.
- É diferente, você sempre teve esse brilho, dava pra ver de longe, eu...
- Você também, mas parecia que alguém tinha tapado a sua luz com um pano.
- Sim, várias pessoas...Você sabe...

Eu senti o mesmo por você, mas tudo era tão confuso, eu achava que tinha que fazer o que me ensinaram a fazer e não o que sentia que tinha que fazer, me desculpe.



- Foi por isso que fui embora, você sabe.
- É por isso que eu gosto de você. Você vai. Mas isso já faz tempo, o que tu vai querer de janta?
- Hummmm, não sei. Que tal tu sentar aqui pertinho pra gente pensar junto?
- Obrigade.
- Porquê?
- Por ser quem tu é.

## **Estrela Solaris**

Ouve-se apenas o som de aplausos. A câmera foca lentamente a apresentadora que está bem vestida e com os cartões da programação em mãos, ela sorri para câmera e agradece os aplausos:

- Obrigada, obrigada.

Os aplausos cessam. Ela olha sutilmente a programação e diz:

- Agora com vocês a estrela Solaris! - apresentando de forma cativante a nova atração.

A câmera mostra uma mulher de pé vestida por um vestido completamente dourado e utilizando de adereços dourados na cabeça e nos braços.

- Solaris, você gostaria de nos dizer algo antes de podermos nos deleitar com sua apresentação?

Solaris faz que sim com a cabeça e fala:

- As coisas se movimentam dentro do vasto universo que habita cada um de nós, as galáxias se renovam, algumas estrelas podem virar super novas e devastar tudo e outras estrelas podem iluminar e proporcionar vida a diversos planetas. Eu escolhi voltar a andar, mas sim uma caminhada boa, confortável e confiante.

Após sua fala as luzes mudam, focando apenas nela. Ouvi-se um instrumental e logo em seguida ela canta lindamente.

## **Rosa Anjo**

Vou contar uma história pra vocês, a história de uma mulher chamada Rosa Anjo. Rosa Anjo não tinha uma vida fácil, trabalhava muito, ganhava pouco, vocês sabem como é... um dia ela notou uma presença de vida em seu ventre e pensou: " e agora?"

Naquela época tudo era muito difícil, era difícil conseguir trabalho, era difícil comprar alguma coisa, era difícil se tornar o que se desejava, ainda mais com aquela cor de

pele. Rosa Anjo sabia muito bem de tudo isso e agora ainda tinha que pensar em como sustentar e criar essa vida em seu ventre.

Ela avisou o pai da criança mas ele fez o típico aborto masculino... sumiu no mundo. Conforme os meses passavam a barriga crescia. Ela economizava tudo o que podia do seu salário de caixa operadora; falando neste trabalho, umas das suas pequenas alegrias era terminar o serviço e comer no buffet de sorvete, já que sempre ganhava desconto pelas atendentes amigas. Até hoje os seus filhos amam um buffet de sorvete, mas quem não gosta né?

Ah é, já falei que eram dois? Sim, eram duas vidas, mas Rosa Anjo só descobriu isso na hora, maior susto da sua vida. Como tudo era antigo, não dava pra ver direito no ultrassom as duas crianças, difícil...mas deu tudo certo depois da correria. Rosa Anjo deu à luz ao menino Pedra e Vento e a menina Água e Ar. A maternidade era difícil, ter que cuidar de duas crianças sozinha, muitas procurações e ainda por cima duas crianças, já falei que eram dois bebês?

Os anos foram passando e Rosa Anjo amadurecendo, seu jeito de pensar, de agir, era diferente agora. Criar gêmeos não é para qualquer um, mas Rosa Anjo tinha água em seu caule, o que fazia ela se conectar com a pequena filha e ela sempre gostou de pedras, ar e ventania; o que fazia ela compreender o menino e se identificar com ambas as crianças.

Rosa Anjo os amava muito e continua amando, fez tudo o que pôde naquela época para criar os dois pequenos, até vendeu poesias na rua... sabe não podemos esquecer que ela além de rosa também é anjo.

## Útero criador

Voz de mulher:

" Você sabia que a física diz que dois seres não podem habitar o mesmo espaço ao mesmo tempo? Bem, claro que isso não vale para nós mulheres"

[Relatos onde não aparece o rosto da pessoa que conta]

Aquele desejo me consumia, eu queria sentir de novo a tua doce presença, mas eu não podia, simplesmente não conseguia te trazer de volta. Senti medo, chorei. No dia 31 de maio de 2017 era meu aniversário e eu estava infeliz, pensava eu: "O que falta? Porque eu não consigo seguir? Talvez isso não seja pra mim.."  
No meio da multidão eu soluçava enquanto o universo do meu amor me consolava e me perguntava: " Tem algo que eu posso fazer?"

---

Eu não sabia o que iria acontecer. Estava eu no banheiro com as calças arriadas sentada no vaso, estava tremendo. Eu havia ligado pro meu marido, que estava do

outro lado do país, para saber a opinião dele, ele tinha cogitado a hipótese, mas nada era certo. Eu só conseguia encarar o box do banheiro e pensar que depois de todas as tentativas a resposta era sempre a mesma, um belo NÃO.

Só de lembrar quantas vezes eu desejei e rezei por isso, meus olhos encheram d'água. Era doído, porque esse era o motivo que tinha feito eu viajar e me focar no profissional. Fazia um tempo que eu não desejava mais isso, e nem pensava sobre, achei que estava curada, por assim dizer. Pude me dedicar a tudo que eu sempre desejei profissionalmente, conheci lugares incríveis, estava radiante e segura do que eu queria na vida; mas as coisas não são tão simples... Bastou uma visitinha do meu amado e pronto! Sabe como é, você fica meses sem ver a pessoa, e aí quando vê, você só pensa em uma coisa. E como eu já havia desistido, só aproveitei. Mas aqui estava eu, sendo consumida pela possibilidade, mais uma vez.

Olhei meu celular... 14 chamadas não atendidas... era meu marido, queria saber o resultado, mas eu não queria saber. Só pensava que talvez eu não conseguisse aguentar outro não, que esse lance de criança não fosse pra mim, que seria o meu desejo secreto durante a vida; sabe, aquilo que a gente mais quer, mas por algum motivo deu errado e ficou só o desejo mesmo.

Mas meu amado é insistente e continuou ligando. Pensei que não tinha jeito mesmo, tinha que olhar, nem que fosse só pra dizer pra ele. Respirei fundo, peguei o teste na mão, pensei “ eu sei que é outro não, mas vai ficar tudo bem”, abri os olhos:

Positivo.

---

Descobri que o útero pulsa como o coração e a cada dia de aceitação eu me sentia fortalecida. A energia emanava do meu ventre como um sol a aquecer e me envolvia inteira, era amor por mim, pelo meu corpo.

Quando engravidei fui lançada ao meu universo interior. Eu podia sentir cada parte do meu ser se modificando para tornar confortável o abrigo a duas pessoas, eu e minha bebe.

O ventre crescia e a felicidade com o meu universo interior também. A concretização da mulher que eu sempre quis ser estava acontecendo. Eu me sentia concreta, de uma certeza e confiança nunca sentidas antes. Eu sentia completude.

[Cena externa, a câmera filma uma mulher de costas a olhar a água e a vista][Gasômetro]

(Som do próximo relato durante a cena)

Um dia à tarde meu útero-universo se contraiu e relaxou, se contraiu e relaxou... e foram ficando mais próximas as contrações, o relógio rodava e rodava os ponteiros, de um tempo único que não pode ser medido. Foi aí que percebi que estava flutuando em meio a galáxias e estrelas que eu só ouvia falar, mas agora estava vivendo isso de fato. As cores me tocavam e eu as tocava, violeta, laranja, branco,

rosa, azul... Eu flutuava no tempo espaço das estrelas que brilhavam naquela noite quente. No chuveiro a água da vida estourou como um balão que é apertado pelas mãos de uma criança. Uma voz de amor chamou a enfermeira.

(Dança)

## **Epílogo**

Ao final da dança a mulher olha o céu e a câmera acompanha o seu olhar, mostrando as estrelas.